

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AS NOVAS TECNOLOGIAS E SEU USO PELOS BEBÊS: O QUE AS MÃES PENSAM
SOBRE ESSA NOVA REALIDADE?

MANOELA YUSTAS MALLMANN

Porto Alegre
Março 2019

MANOELA YUSTAS MALLMANN

AS NOVAS TECNOLOGIAS E SEU USO PELOS BEBÊS: O QUE AS MÃES PENSAM
SOBRE ESSA NOVA REALIDADE?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia sob a orientação da Prof.^a Dra. Giana Bitencourt Frizzo.

Porto Alegre

Março 2019

Agradecimentos

Os dois últimos anos foram de muito trabalho, vivências e aprendizagens intensas. Ao ingressar no mestrado, mergulhei em um mundo até então novo para mim, cheio de desafios. Aprendi muito e não tenho dúvidas de que cresci e evolui imensamente nesse período. Sou muito grata à professora Giana Frizzo por ter acreditado em mim e por todos os ensinamentos ao longo desses dois anos. Tive muita sorte de ter sido orientada de forma tão atenciosa, respeitosa e afetiva. Sem dúvida isso fez com que o trabalho fosse prazeroso, mesmo nos momentos difíceis.

Agradeço também às professoras que fizeram parte da minha banca de dissertação, Cleonice Bosa, Daniela Levandowski e Conceição Aparecida Serralha, que com muita sensibilidade contribuíram enormemente para a realização da minha dissertação. Também agradeço aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS pelos conhecimentos compartilhados ao longo do mestrado. Sou muito grata às professoras Lívia Bedin e Ana Cristina Garcia Dias pelo acolhimento e ensinamentos durante um momento tão importante desses dois anos: a prática de docência.

Agradeço imensamente às colegas do Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças (NUFABE), que ao longo desses dois anos transformaram-se em amigas, Gabriella Pedrotti, Monique Schwochow, Elisa Azevedo, Patrícia Santos, Roberta Machemer, Gabriela Resmini e Verônica Chaves, muito obrigada por todo carinho, acolhimento e amizade desde o meu primeiro dia no grupo! A todas queridas e maravilhosas IC's e voluntárias que também fizeram e fazem parte desse grupo tão especial: Nicole Barros, Laura Canani, Aline Santos, Tamara Cé, Vitória Savy, Mariana Cardoso e Eduarda Lauryn.

Também sou grata a todos os momentos compartilhados com as já mencionadas Giana Frizzo, Gabriella Pedrotti, Elisa Azevedo, Laura Canani, Aline Santos e também com a querida Maria Adélia Pieta nas reuniões do projeto de pesquisa das Tecnologias. Nossas reuniões de quinta-feira foram muito importantes!

Sou especialmente grata à Gabriella Pedrotti, minha dupla inseparável de mestrado, por toda parceria e amizade ao longo desses dois anos! Foi muito bom compartilhar todos os momentos contigo. Obrigada por tudo mesmo.

Às minhas queridas amigas já antes da UFRGS, Aline Marasca e Carolina Druck, que dividiram comigo as emoções do mestrado desde o início e foram essenciais nesse período.

Às minhas melhores amigas da vida inteira que torceram por mim neste processo e toleraram todos os momentos nos quais eu não pude estar presente em função dos estudos,

Fernanda Amorim, Stéphanie Lindemann, Gabriela Ferreira, Juliana Zaffari, Hanna Conrado e Mariane Lindemann.

Às minhas amigas e colegas de consultório Luiza Coradini e Caroline Trindade que me apoiaram, escutaram e compreenderam minha falta de tempo e horários nesses dois intensos anos!

Sou sempre e eternamente grata à minha família que sempre faz o possível e o impossível para me apoiar e torce imensamente por mim nas minhas empreitadas. Por vocês, tenho todo o amor do mundo: minha irmã, Betina, minha mãe, Silvina, minha avó Teresa, minhas dindas Carina e Madalena, meu pai Jurgen, meus primos Gabriel, Lucas e Ramiro e meu dindo Tony. Sem esquecer do meu avô, Julio, que está sempre nos nossos corações.

Meu mais carinhoso agradecimento ao Guilherme, meu amor, que passou por tantas coisas comigo ao longo desses dois anos e esteve sempre do meu lado.

Ainda, sou muito grata às mães participantes deste estudo, que de forma sensível puderam compartilhar suas experiências, tornando-o possível!

Agradeço a todos que de alguma forma puderam contribuir para a construção dessa dissertação e que fizeram parte da minha trajetória durante o mestrado!

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------|-----------|
| RESUMO..... | 5 |
| ABSTRACT..... | 6 |
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| Apresentação..... | 7 |
| O uso das novas tecnologias..... | 8 |
| ARTIGO 1..... | 14 |
| Resumo..... | 14 |
| Abstract..... | 15 |
| Introdução..... | 16 |
| Método..... | 18 |
| Resultados..... | 24 |
| Discussão..... | 29 |
| Considerações Finais..... | 32 |
| Referências..... | 33 |
| ARTIGO 2..... | 37 |
| Resumo..... | 37 |
| Abstract..... | 38 |
| Introdução..... | 39 |
| Método..... | 43 |
| Resultados..... | 45 |
| Discussão..... | 48 |
| Considerações finais..... | 51 |
| Referências..... | 53 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 57 |
| REFERÊNCIAS..... | 60 |
| ANEXO A..... | 65 |
| ANEXO B..... | 66 |
| ANEXO C..... | 67 |
| ANEXO D..... | 69 |
| ANEXO E..... | 71 |

RESUMO

Os avanços tecnológicos da atualidade propiciaram um mundo novo de conhecimentos e possibilidades sem precedentes nas gerações anteriores. Os dispositivos móveis, como *tablets* e celulares são amplamente utilizados na rotina das famílias, proporcionando conexão em tempo integral e ao alcance das mãos. A televisão também segue amplamente utilizada, principalmente em famílias com crianças pequenas. Evidencia-se o constante aumento da exposição e uso das tecnologias pelos bebês, embora não exista um consenso na literatura a respeito dos seus possíveis efeitos para o desenvolvimento infantil, já que se trata de um período crucial, que serve como base para as relações posteriores. A partir disso, a presente dissertação de mestrado foi composta por dois estudos: o primeiro teve como objetivo compreender qualitativamente o uso que as mães de crianças de até dois anos fazem das tecnologias como celulares, *tablets* e também da televisão. O segundo buscou investigar indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação da mãe com o bebê, no contexto do uso das tecnologias. Participaram do estudo sete mães de bebês de até 24 meses através de grupos focais. A partir da análise dos dados, foi possível compreender que o uso das tecnologias em famílias com bebês muitas vezes está relacionado às necessidades dos adultos e não dos bebês. Sugere-se que as crianças pequenas podem se beneficiar do ambiente tecnológico quando este buscar adaptar-se às suas necessidades, contribuindo assim para o seu desenvolvimento emocional saudável.

Palavras-chave: bebês, desenvolvimento emocional, celulares, *tablets*, televisão, uso das tecnologias, relação mãe-bebê, maternidade.

ABSTRACT

Today's technological advances have provided a new world of knowledge and possibilities unprecedented in previous generations. Mobile devices such as tablets and smartphones are widely used in families' routines, providing full-time and hands-on connection. Television also continues to be widely used, especially in families with young children. There is evidence of the constant increase in exposure and use of technologies by infants, although there is no consensus in the literature about its possible effects on child development, which is crucial for development, which serves as a basis for later relationships. From this, the present thesis was composed by two studies: the first one had the objective of qualitatively understanding the use that mothers of children up to 2 years of age make of technologies such as cell phones, tablets and also television. The second aimed to investigate indicators of the function of *good-enough mother* in the interaction of the mother with the baby, in the context of the use of the technologies. Seven mothers of babies up to 24 months of age participated in the study through focus groups. From the data analysis, it was possible to understand that the use of technologies in families with babies is often related to adults' needs and not babies'. It is suggested that babies can benefit from the technological environment when it seeks to adapt to their needs, thus contributing to their healthy emotional development.

Keywords: babies, emotional development, smartphones, tablets, television, new technologies, mother-infant interactions, mother-infant relationship, motherhood.

INTRODUÇÃO

Apresentação

As crianças da atualidade nascem e se desenvolvem em um ambiente tecnológico, no qual os aparelhos eletrônicos vêm modificando a forma como as pessoas se relacionam. Embora a televisão já tenha proporcionado mudanças na comunicação, os dispositivos móveis (como *tablets* e *smartphones*) são as mais novas formas de tecnologia e revolucionaram as relações interpessoais (Chassiakos, Radesky, Christakis, Moreno, & Cross, 2016; Lauricella, Wartella, & Rideout, 2015). A revolução se deve principalmente ao fato de eles possibilitarem acesso em tempo integral à internet, permitindo que as pessoas estejam conectadas constantemente, em diversos ambientes (McDaniel & Radesky, 2017). Ademais, evidencia-se aumento significativo e constante do uso dessas novas formas de tecnologias (Bentley, Turner, & Jago, 2016; Livingstone & Smith, 2014; Radesky, Schumacher, & Zuckerman, 2015) em todas as faixas etárias, incluindo as crianças de até dois anos (Chassiakos et al., 2016).

Frente à rapidez com que as novas tecnologias avançam, estudos que busquem compreender essa realidade são essenciais, porém ainda são escassos na literatura, especialmente no que diz respeito a seus possíveis efeitos no desenvolvimento dos bebês e de suas famílias (Lovato & Waxmann, 2016; Radesky et al., 2015). Em consonância com a literatura, para fins deste estudo, as novas tecnologias referem-se ao uso de qualquer tela, como o celular (*smartphone*), os *tablets*, a televisão (que também vem se modernizando), os videogames e os computadores (Canadian Paediatric Society, 2017).

O presente trabalho, portanto, teve como tema central o uso das novas tecnologias em famílias com bebês. As motivações para essa pesquisa se devem principalmente à atualidade do tema e ao interesse pelas interações pais-bebê. Na parte teórica foram contemplados estudos e considerações recentes da literatura sobre o tema, assim como reflexões sob à luz da psicanálise, mais especificamente a partir da teoria winnicottiana sobre o desenvolvimento emocional do bebê, sua interação com a família e as possíveis associações da teoria com o mundo tecnológico da atualidade.

O presente estudo teve como objetivo geral compreender qualitativamente o uso que as mães de crianças de até dois anos fazem das novas tecnologias, como celulares, *tablets* e também da televisão, e investigar indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação da mãe com o bebê, no contexto do uso das tecnologias. O papel das tecnologias foi visto como um fator importante do ambiente no qual a criança pequena está inserida, tendo potencial para interferir e/ou modificar a interação pais-bebê. Este projeto faz parte de um

estudo maior intitulado “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil” (Frizzo et al., 2017), que objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês.

O uso das novas tecnologias

Os avanços tecnológicos do início do século XXI propiciaram um mundo novo de conhecimentos e possibilidades sem precedentes nas gerações anteriores (American Academy of Pediatrics (AAP, 2011); Livingstone & Smith, 2014; McDaniel & Coyne, 2016; Radesky & Christakis, 2016; Vanderwater et al., 2007). Os dispositivos móveis, como *tablets* e celulares (*smartphones*), são presença constante na rotina das famílias e proporcionam conexão em tempo integral e ao alcance das mãos (Brito, Francisco, Dias, & Chaudron, 2017; McDaniel & Radesky, 2017; Wanjiku et al., 2013). A maior parte da atual geração de crianças pequenas ocidentais talvez desconheça o mundo sem a influência desses recursos (Chassiakos et al., 2016; Haughton, Aiken, & Cheevers, 2015; Radesky et al., 2015; Radesky & Christakis, 2016; Vanderwater et al., 2007).

A primeira grande mudança na forma de comunicação entre as pessoas ocorreu através do uso da televisão (Kildare & Middlemiss, 2017; Radesky et al., 2015), que segue amplamente estudada (Bentley et al., 2016) e ainda muito utilizada em famílias com crianças (Common Sense Media, 2017; Domingues-Montanari, 2017). Uma possível razão para isso parece ser a sua importância dentro do ambiente familiar, pois é um recurso disponível em um espaço de convivência, como, por exemplo, a sala de casa, mesmo após o surgimento de dispositivos mais modernos, menores e portáteis. Ademais, a televisão continua sendo muito utilizada por crianças pequenas (Canadian Paediatric Society, 2017; Neumann, 2015). Nesse sentido, quando se fala em mídias digitais ou novas tecnologias, geralmente está incluída a televisão, embora essa seja considerada um meio com recursos mais passivos que os dispositivos móveis, a despeito de sua modernização (Neumann, 2015).

Após a televisão, as novas tecnologias de forma geral, como computadores, *tablets* e *smartphones*, revolucionaram a forma como as pessoas interagem justamente por possibilitarem o acesso instantâneo e interativo à informação, dentro e fora do ambiente familiar (Kildare & Middlemiss, 2017; McDaniel & Coyne, 2016). Os avanços que possibilitaram essas mudanças foram a tecnologia *touchscreen* e a mobilidade dos aparelhos. O *touchscreen* dá o caráter interativo, deixando de ser uma interação passiva (Neumann, 2015). Já a mobilidade dos dispositivos móveis, diferentemente da televisão, permite o uso e acesso à tecnologia constantemente, dentro e fora de casa (Lovato & Waxmann, 2016).

Estudos em diferentes países têm apontado para um aumento expressivo do uso de novas tecnologias nas mais variadas faixas etárias. O Common Sense Media, levantamento realizado nos Estados Unidos com pais de 1463 crianças de até oito anos, constatou que, em 2013, o número de famílias que possuíam pelo menos um *smartphone* na sua residência, em comparação a 2011, cresceu de 41 para 63%. Em 2017 a pesquisa contou com 1454 pais e apontou que o número saltou para 95%. Já a aquisição de *tablets* passou de 8% para 40% de 2011 para 2013, atingindo 78% em 2017. No que diz respeito às crianças menores de dois anos, o número de 10% que já fez uso de *tablet* ou *smartphone* subiu para 38% em 2013 e para 46% em 2017 (Common Sense Media, 2017). Porém, também se observa que a televisão segue sendo a preferência nas famílias de bebês (Bentley et al., 2016; Neumann, 2015), sendo o aparelho mais utilizado por crianças de até dois anos (Common Sense Media, 2017).

Neumann (2015) conduziu um estudo na Austrália com 69 famílias com crianças entre dois e quatro anos, no qual buscou conhecer, através de questionário online, quais os dispositivos mais usados pelas crianças e pelos pais. A televisão foi unânime nas famílias. O segundo dispositivo mais presente foi o celular, seguido pelo *laptop* e *tablet*. O tempo de uso da televisão feito pelas crianças, segundo o relato dos pais, foi em média de 80 minutos por dia, sendo usada por 90% das crianças. Já os *tablets* foram relatados como usados por 60% delas, em média de 20 minutos ao dia. Os celulares foram menos utilizados: 40% das crianças, segundo seus pais, fazem uso em média de 10 minutos por dia. Neste estudo, os pais consideraram o *tablet* como o dispositivo de maior facilidade para uso das crianças. Dos 69 pais participantes do estudo, apenas 20% relataram que na sua opinião os filhos não deveriam ter acesso às tecnologias.

Nos Estados Unidos, a pesquisa de Kabali et al. (2015) também evidenciou a grande proporção que os dispositivos móveis adquiriram dentro das famílias, incluindo as de baixa renda. O estudo, feito com 350 crianças de seis meses a quatro anos (79,3% de 0 a 3 anos), através de questionário preenchido pelos pais, concluiu que 96,6% delas já fez uso de dispositivos móveis, geralmente para assistir vídeos e baixar jogos. Na realidade brasileira também se percebe aumento significativo no uso de *tablets* e *smartphones*, sendo os meios preferidos de crianças e adolescentes da atualidade para acessar à internet. Porém, diferentemente de países desenvolvidos, os celulares (*smartphones*) parecem ser mais utilizados que os *tablets*. De 2012 para 2015 houve um aumento de 21% para 85% de acesso à internet por meio do celular entre crianças e adolescentes de nove a 17 anos no Brasil (Pesquisa TIC Kids Online Brasil, 2015). Esse dado mostra o crescimento expressivo do celular na realidade do país entre crianças e adolescentes, embora não se refira a crianças pequenas. Não foram encontrados dados semelhantes referentes a bebês no Brasil.

Estudos que buscam compreender o uso das novas tecnologias vêm crescendo (Lauricella et al., 2015; Radesky & Christakis, 2016; Vanderwater et al., 2007) no cenário internacional, pois ainda existem muitos questionamentos sobre os possíveis efeitos do uso e da exposição a tecnologias, principalmente entre bebês (Lovato & Waxman, 2016) e crianças pequenas (Matsumoto et al., 2016). Mesmo as consequências ainda não sendo totalmente conhecidas, as novas tecnologias parecem avançar e ganhar espaço na vida das famílias em um ritmo muito maior do que os estudos científicos sobre o tema possam acompanhar (Lovato & Waxman, 2016). Nesse sentido, além dos avanços em ritmo acelerado, alguns efeitos dessa nova realidade talvez sejam conhecidos de fato a longo prazo. Provavelmente em função do contexto histórico, ainda existam poucos estudos longitudinais sobre essa temática com crianças pequenas, pois as que estão inseridas no atual ambiente tecnológico ainda não atingiram a adultez (AAP, 2011; Chassiakos et al., 2016; Haugthon et al., 2015; Kildare & Milddlemmis, 2017; Wanjiku et al., 2013).

Contudo, na literatura são explorados riscos e benefícios do uso das tecnologias feito por crianças pequenas e seus possíveis efeitos no desenvolvimento. Entre os pontos positivos encontram-se a melhora do desempenho escolar de crianças pré-escolares com o uso de aplicativo de matemática para *tablets* (Schacter & Jo, 2017). O desenvolvimento da linguagem também pode ser aprimorado através de programas com conteúdo educacional, pois fazem uso de estratégias como a nomeação de objetos, além de dirigirem-se à criança, aumentando a possibilidade de interação dela naquele momento (Domingues-Montanari, 2017).

Por outro lado, identifica-se associação negativa com aspectos cognitivos e de linguagem (Anderson & Hanson, 2013), como no estudo sobre o excesso do uso de televisão com crianças de até 12 meses, que apresentou associação a atrasos na linguagem (Chonchaiya & Pruksananonda, 2008) e diminuição quantitativa da linguagem parental (Lavigne, Hanson, & Anderson, 2014), uma vez que, mesmo assistindo às telas tela juntos, os pais tendem a falar menos com os filhos nesses momentos. Percebe-se que os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem apontam benefícios para crianças a partir dos três anos, enquanto a questão da aprendizagem *até* os três anos através de meios eletrônicos é questionável (Domingues-Montanari, 2017). Em função do aumento progressivo do uso e acesso dessas crianças às tecnologias, as pesquisas devem se direcionar, como vem acontecendo, para questões sobre *se* e *como* elas aprendem nas diferentes experiências com as telas (Kirkorian, Choi, & Pempek, 2016).

Os possíveis riscos do uso das tecnologias pelas crianças são amplamente investigados na literatura. A identificação de maior incidência de obesidade (AAP, 2016; Willis, Roberts,

Berry, Bryant, & Rudolf, 2016) está, na maioria das vezes, relacionada ao fato de a exposição excessiva às telas propiciar comportamento sedentário das crianças, podendo ser um fator de risco para a saúde (Domingues-Montanari, 2017). Os efeitos negativos no sono (Cheung, Bedford, Saez de Urabain, Karmiloff-Smith, & Smith, 2017; Garrison, Liekweg, & Christakis, 2011; Magee, Lee, & Stewart, 2014; Vijakhana, Wilaisakditipakorn, Ruedeechajorn, Pruksananonda, & Chonchaiya, 2015) geralmente estão associados ao grande número de crianças com televisão ou algum tipo de tela no quarto (Domingues-Montanari, 2017). Somados a isso também se evidenciam problemas de atenção (Zimmermann & Christakis, 2007), comumente pesquisados em associação com a televisão. Alguns estudos apontam que prejuízos na atenção parecem ser mais observados antes dos três anos e quando a criança é exposta majoritariamente a conteúdos não-educacionais e violentos (Domingues-Montanari, 2017). O estudo longitudinal, relacionado à televisão, de Christakis, Zimmerman, DiGiuseppe e McCarty (2004), sugere associação da exposição antes dos três anos a problemas de atenção aos sete.

De forma geral, parece não existir consenso na literatura sobre o que é considerado benéfico ou nocivo para as crianças pequenas no que diz respeito à exposição e acesso às novas tecnologias. Porém, em relação aos riscos associados empiricamente a esse uso (tanto as novas tecnologias como as tradicionais) por bebês e crianças pequenas, é consenso na literatura que a exposição excessiva às telas pode ter efeitos adversos no desenvolvimento (Domingues-Montanari, 2017). Também são investigadas as possibilidades de isolamento e menor interação no ambiente familiar, quando os membros ficam muito voltados para o mundo virtual em detrimento das relações do mundo real (Eisenstein & Estefenon, 2011; Radesky, Silverstein, Zuckerman, & Christakis, 2014; Radesky et al., 2015). Em relação a isso, diferentemente de crianças maiores, as pequenas precisam dos pais para ter acesso às tecnologias, sendo seu uso fortemente influenciado pelas atitudes parentais. Logo, as atitudes dos pais frente ao uso de dispositivos móveis e demais formas de tecnologias parecem exercer influência sobre o tempo frente às telas e os conteúdos aos quais são expostas, o que repercute nos possíveis riscos e benefícios associados (Brito et al., 2017; Nikken & Schols, 2015).

Dentro deste ambiente tecnológico no qual a criança se desenvolve e se relaciona com a família, parece não haver clareza na literatura científica acerca das recomendações aos pais em relação ao uso das tecnologias. Com isso, muitas vezes pais e/ou cuidadores de crianças pequenas não são devidamente orientados ou não têm acesso a informações que possam lhes dar embasamento para definir os motivos e o tempo de uso das tecnologias ao qual irão expor seus filhos. A Sociedade Americana de Pediatria (AAP) mantém uma postura de desencorajar o uso de mídias por crianças de até dois anos, embora pareça mais flexível de 2011 para 2016.

Seu argumento é de que as mídias apresentam potencial nocivo para as crianças, ressaltando, no posicionamento de 2011, a falta de estudos que relacionem efeitos benéficos no uso de mídias na faixa etária até dois anos. Porém, percebe-se falta de embasamento nesse posicionamento, construído justamente na carência de maior número de estudos que evidenciem os efeitos desse uso. Frente a isso, sugere-se que essa realidade pode contribuir para a falta de diálogo e diretrizes consistentes sobre essa temática entre pesquisadores, profissionais da saúde e as famílias.

Por outro lado, frente à escassez de evidências, parece coerente que a AAP recomende, como foi feito tanto em 2011 quanto em 2016, que sejam realizados estudos prospectivos e longitudinais para determinar os efeitos a longo prazo da exposição de mídias no que diz respeito à saúde física, mental e social das crianças. Também destacam que os pais devem ter a consciência de que o seu próprio uso de mídias pode causar efeitos negativos nos seus filhos. Na última declaração (AAP, 2016), o uso de mídias segue sendo desencorajado, porém com maior flexibilidade entre os 18 e 24 meses, recomendando que, caso a criança seja exposta às mídias, os pais estejam presentes e interajam com ela, usando aplicativos de qualidade. É importante ressaltar que abrem uma exceção para o uso de “*video-chatting*”, como *facetime* e *skype*, quando essas ferramentas auxiliam na aproximação de familiares ou pessoas importantes que residam longe das crianças.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) se posiciona de forma semelhante e orienta que o tempo de uso diário de tecnologias seja limitado e proporcional à idade das crianças. Assim, para bebês menores de dois anos, a orientação é evitar o oferecimento de telas e, para crianças com idades entre dois e cinco, sugere-se que o tempo de uso seja limitado a uma hora por dia. Outras Sociedades de Pediatria, como a Canadense (Canadian Paediatric Society, 2017), também recomendam que crianças menores de dois anos não sejam expostas às telas.

Frente a essa realidade e à rapidez das mudanças proporcionadas pelo uso de tecnologias, estudos que busquem compreender seu papel e importância na vida das famílias da atualidade são essenciais, assim como suas possíveis relações com o desenvolvimento infantil (Brito et al., 2017; Davies & Gentile 2012; Radesky et al., 2015). Mesmo que existam contradições frente ao fenômeno do uso das tecnologias em famílias com crianças pequenas, elas são presença constante nas suas rotinas e seu uso tem sido feito tanto pelos pais quanto pelos filhos (Brito et al., 2017; Matsumoto et al., 2016).

Na realidade brasileira não foram encontrados estudos sobre os possíveis efeitos das tecnologias no desenvolvimento dos bebês ou sobre a visão dos pais a respeito dessa temática. A maioria dos estudos sobre as tecnologias são provenientes dos Estados Unidos e têm como foco o tempo de exposição às telas e atividade física (Carson, Rosu, & Janssen, 2014;

Hesketh, Hinkley, & Campbell, 2012; Willis et al., 2016). Ademais, a literatura aponta que um dos principais fatores que definem o uso das tecnologias dentro das famílias são as atitudes e crenças parentais, além do nível socioeconômico (Brito et al., 2017). Tendo isso em vista, a presente dissertação de mestrado teve como objetivo geral compreender qualitativamente o uso que as mães de crianças de até 2 anos fazem das tecnologias (faixa etária estipulada em concordância com a recomendação das Sociedades de Pediatria norte americana, brasileira e canadense), nos momentos de cuidado e interação com bebês.

Para isso, a presente dissertação foi composta por dois artigos. O primeiro, de caráter descritivo e intitulado “O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário? ”, teve como objetivo compreender o uso que as mães de crianças de até dois anos fazem das novas tecnologias, como celulares, *tablets* e também da televisão, junto aos seus bebês. Este artigo foi realizado em consonância com a ideia inicial deste projeto de pesquisa. Já o segundo artigo, intitulado “A importância da função de *mãe suficientemente boa* para o desenvolvimento do bebê no ambiente tecnológico da atualidade”, teve como objetivo investigar indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação da mãe com o bebê, no contexto do uso das tecnologias. Este artigo foi proposto após os resultados do primeiro estudo apontarem que as motivações das mães ao exporem seus filhos às tecnologias estavam mais voltadas às possíveis necessidades delas do que aos eventuais benefícios para a criança. Nesse sentido, no segundo artigo, as possíveis influências do ambiente tecnológico da atualidade no bebê foram pensadas a partir do referencial teórico de Winnicott (1951/1993) sobre o desenvolvimento emocional do bebê.

ARTIGO 1

O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?

Resumo

As crianças da atualidade vivem em um ambiente altamente tecnológico, no qual o uso das novas tecnologias, como *tablets* e celulares, é crescente e constante, juntamente com a televisão. As crianças de até dois anos dependem dos adultos para ter acesso às tecnologias. Dessa forma, a visão das mães frente a esse tema contribui para a compreensão de como ocorre o uso de tecnologias em famílias com crianças pequenas. Neste estudo, foi utilizada a técnica de grupos focais para compreender como ocorre o uso feito por sete mães entre 30 e 39 anos e seus bebês de até 24 meses. A partir da análise temática dos relatos dos grupos verificou-se que as mães do presente estudo apresentaram sentimentos ambivalentes em relação ao uso e exposição das tecnologias por bebês, assim como preocupações quanto ao próprio uso e a possíveis excessos. Ainda, os achados sugerem que o uso em famílias com bebês relaciona-se mais a uma necessidade das mães em momentos de dificuldade do que um recurso para benefício do bebê. O presente estudo contribui para a compreensão sobre como ocorre o uso das tecnologias em famílias com bebês. Atenta-se para as possíveis dificuldades enfrentadas pelas mães de crianças pequenas ao se pensar em recomendações e estudos sobre o tema.

Palavras-chaves: bebês, interação mãe-bebê, novas tecnologias, telas, desenvolvimento infantil, celulares, *tablets*, televisão.

Abstract

Nowadays, children live in a highly technological environment, since the use of new technologies such as tablets and children is growing and constant. In the same way, television has also been very present in families. Children up to two years old depend on adults to access technologies. Thus, mother's view about this theme may contribute to the understanding of how the use of technologies occurs in families with young children. In this study, focus groups were made with mothers of infants to understand how technologies are used by seven mothers between 30 and 39 years old and their babies up to 24 months. From the thematic analysis of the groups' reports, it was verified that the mothers of the present study showed ambivalent feelings about the use and exposure of technologies by babies, as well as concerns about their own use and possible excesses. Findings also suggest that technology's use in families with babies could be related more to mother's needs in difficult times than as a resource for infant's benefit. This study contributes to understand the use of technologies in families with babies. It is attentive to possible difficulties faced by mothers of young children when thinking about recommendations and studies regarding the subject.

Keywords: babies, mother-infant interactions, new technologies, screens, child development; smartphones, tablets, television.

Introdução

As crianças da atualidade nascem em um mundo digital, no qual seus pais e cuidadores estão constantemente conectados (Brito, Francisco, Dias, & Chaudron, 2017; McDaniel & Coyne, 2016). Nesse ambiente tecnológico, estão expostas tanto a novas tecnologias, como celulares e *tablets*, quanto às chamadas mídias tradicionais, como a televisão (Chassiakos, Radesky, Christakis, Moreno, & Cross, 2016). O uso intenso, permanente e crescente de ambas, feito por adultos e crianças, faz com que seja necessário compreender seus possíveis efeitos no desenvolvimento infantil e nas relações em famílias com crianças (Lauricella, Wartella, & Rideout, 2015). Dentre eles, atenta-se à falta de consenso na literatura sobre como o uso desse recurso pode influenciar na qualidade dos cuidados recebidos pelas crianças (McDaniel & Coyne, 2016). Além disso, os possíveis benefícios do uso de tecnologias pelos bebês são questionáveis e ainda incertos (American Academy of Pediatrics (AAP, 2016); Anderson & Hanson, 2013).

Devido à pouca idade e autonomia, as crianças de até dois anos geralmente ficam a maior parte do tempo sob a supervisão de um cuidador. Nesse sentido, estão mais suscetíveis ao próprio uso e à visão dos adultos em relação às novas tecnologias (Knowles, Kirk, & Hughes, 2015), que, por sua vez, parecem ser essenciais para definir o uso, o acesso e a exposição das crianças menores de 2 anos a curto e longo prazo (Lauricella et al., 2015). Dessa forma, compreender como é o uso e a visão dos pais é de extrema importância no que diz respeito às experiências com as tecnologias que as crianças podem ter dentro do ambiente familiar (Bentley, Turner, & Jago, 2016; Connell, Lauricella, & Wartella, 2015; Hinkley, Carson, Kalomakaefu, & Brown, 2017; Neumann, 2015). Essa utilização pelos adultos pode influenciar o uso e as atitudes das crianças, podendo servir como modelo para elas (Dias et al., 2016; Lauricella et al., 2015; Plowman, Stevenson, McPake, Stephen, & Adey, 2011).

O uso desse recurso em famílias com crianças parece desempenhar diversos papéis para os pais (McDaniel & Coyne, 2016), independentemente da faixa etária da criança. A literatura aponta que os cuidadores associam à tecnologia maior possibilidade de aprendizagem para a criança (Brown & Smolenaers, 2016; Lovato & Waxmann, 2016). Ela também pode ser vista como um recurso para promover momentos de união e conexão, quando utilizada como uma atividade compartilhada em família, como assistir a um filme juntos, por exemplo (Padilla-Walker, Coyne, & Fraser, 2012). Quanto mais aspectos positivos são evidenciados pelos pais, maior é a tendência de encorajarem o acesso dos filhos à televisão, celulares, computadores e *tablets*. Da mesma forma, quando tais recursos são considerados importantes para o desenvolvimento da criança, menor é a tendência de os pais estipularem limites e regras quanto ao uso (Lauricella et al., 2015).

Por outro lado, alguns pais manifestam preocupações frente ao uso de novas tecnologias. McDaniel e Radesky (2017) apontaram em seu estudo que as crianças com maior tempo de exposição a *tablets* e celulares pertenciam a famílias nas quais os pais consideraram seu próprio uso problemático, a ponto de causar interferências na interação com os filhos. Ainda, no que diz respeito às crianças pequenas, a qualidade da interação entre pais e filhos durante o uso de tecnologias parece ainda mais relevante do que o conteúdo em si do que é assistido (Radesky, Schumacher, & Zuckermann, 2015). O uso de tecnologias em excesso pode contribuir para maior isolamento e falta de comunicação do afeto nas famílias, quando seus membros ficam muito voltados para o mundo virtual e para o uso individual das tecnologias (Lauricella et al., 2015), em detrimento das relações do mundo real (Eisenstein & Estefenon, 2011; Radesky, Silverstein, Zuckerman, & Christakis, 2014; Radesky et al., 2015).

Estudos que busquem compreender a visão parental acerca do uso das tecnologias nas famílias com crianças pequenas são crescentes na literatura. No estudo de Bentley et al. (2016), os autores conduziram entrevistas com 26 mães de crianças entre dois e quatro anos. Os resultados apontaram que as mães permitem o uso tanto da televisão quanto de dispositivos móveis para crianças entre dois e quatro anos, sentindo-o como potencialmente positivo para promover sua aprendizagem e seu lazer. Porém, também foram relatadas preocupações quanto a possíveis excessos, evidenciando a necessidade das mães de impor limites em relação ao uso. De forma geral, as mães participantes consideraram o uso como inevitável, tanto para a criança, quanto para auxílio aos pais como recurso para distraí-la e acalmá-la, quando necessário. Outros estudos também apontam que as tecnologias podem ser usadas pelos pais para acalmar, distrair ou entreter as crianças (Kucirkova & Zuckerman, 2017; Radesky et al., 2016). Além disso, o uso da tecnologia é relatado por alguns pais como uma ferramenta para auxiliá-los no cuidado dos filhos, assim como colocar a criança para dormir ou para poder realizar alguma atividade doméstica (Kabali et al., 2015).

Dessa forma pode-se observar a importância que as tecnologias parecem ter adquirido nas famílias da atualidade enquanto recurso utilizado pelos pais, embora existam contradições em relação ao uso das crianças menores de dois anos (Chassiakos et al., 2016). A Sociedade Americana de Pediatria (AAP, 2016), por exemplo, assim como a brasileira (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016), desencoraja o uso de telas para crianças menores de dois anos. Porém, apresenta flexibilidade entre os 18 e 24 meses, recomendando que, caso a criança seja exposta às mídias, os pais estejam presentes e interajam com ela, usando aplicativos de qualidade. Pesquisas recentes (Kucirkova & Zuckerman, 2017; Radesky et al., 2015) atentam para os possíveis riscos de que, apesar de os dispositivos móveis aparentemente contribuírem para que a criança se acalme, ainda serem desconhecidos os riscos do uso dessa ferramenta a

longo prazo, uma vez que a criança até dois anos ainda não desenvolveu completamente mecanismos de autorregulação emocional, como, por exemplo, o controle de emoções básicas, como o medo e a raiva (Linhares & Martins, 2015).

Percebe-se, então, discrepância entre as orientações de pediatras sobre o uso de novas tecnologias e a realidade das famílias com crianças de até dois anos. Embora os pais manifestem preocupações sobre o uso das tecnologias feito pelos filhos e recebam positivamente tais recomendações, parecem considerar, de forma geral, a exposição às telas como inevitável (Matsumoto et al., 2016). Além disso, mesmo que interpretem as diretrizes como positivas, também as encaram como utópicas, por ser algo difícil, rígido e complicado de executar na rotina. Alguns pais também podem relatar que, embora existam as recomendações, eles acabam usando o senso comum e sua subjetividade para tomar decisões frente ao uso de tecnologia pelos filhos (Brown & Smolenaers, 2016).

Tendo isso em vista, verifica-se que a recomendação de que o uso de telas por crianças de até dois anos seja mínimo não impede que o uso ocorra no mundo altamente tecnológico da atualidade (Brown & Smolenaers, 2016) e de forma cada vez mais intensa e prevalente (Cristia & Seidl, 2015). Nesse sentido, além da questão do que é considerado como negativo ou positivo para a criança, parece ser importante atentar para a percepção dos pais sobre o tema (Brito et al., 2017), assim como conhecer as necessidades e os motivos relatados por eles ao exporem seus filhos às tecnologias (Bentley et al., 2016).

Ademais, a visão de cada família sobre o que é benéfico ou nocivo para a criança pequena parece ser subjetiva, sendo relacionada à realidade e contexto de cada família (Brown & Smolenaers, 2016). Nesse sentido, conhecer a visão parental sobre como ocorre o uso de tecnologias na singularidade das famílias, assim como as possíveis dificuldades enfrentadas, pode trazer contribuições em relação à compreensão desse fenômeno. Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo compreender o uso que as mães de crianças de até dois anos fazem das novas tecnologias, como celulares, *tablets* e também da televisão, nos momentos de cuidado e interação com bebês.

Método

Participantes

Participaram do estudo sete mães biológicas com pelo menos um filho de até dois anos (24 meses). As crianças eram saudáveis e nascidas a termo. Em relação à escolaridade das mães, seis mulheres referiram possuir pós-graduação e uma referiu ter ensino médio completo. Quanto ao estado civil, cinco das participantes eram casadas e uma mãe era solteira. Três participantes tinham mais de um filho. Como critério de inclusão, as mães

deveriam ser maiores de idade, a principal cuidadora do bebê, ter filhos de até 24 meses, nascidos a termo e sem alguma deficiência. A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos das participantes e dos seus bebês:

Tabela 1

Dados Sociodemográficos das Participantes e dos Bebês:

| | Grupo Focal 1 | | |
|---------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| | Participante 1 (P1G1) | Participante 2 (P2G1) | Participante 3 (P3G1) |
| Idade da mãe | 34 anos | 34 anos | 32 anos |
| Estado Civil | Casada | Casada | Casada |
| Escolaridade | Pós-Graduação | Pós-Graduação | Pós-Graduação |
| Idade do bebê | 18 meses | 4 meses | 15 meses |
| Sexo do bebê | Feminino | Feminino | Feminino |
| Bebê possui irmãos | Sim | Não | Não |

| | Grupo Focal 2 | | | |
|---------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| | Participante 1 (P1G2) | Participante 2 (P2G2) | Participante 3 (P3G2) | Participante 4 (P4G2) |
| Idade da mãe | 39 anos | 33 anos | 39 anos | 30 anos |
| Estado Civil | Casada | Solteira | Casada | Casada |
| Escolaridade | Superior Completo | Ensino médio Completo | Superior Completo | Superior Completo |
| Idade do bebê | 9 meses | 24 meses | 14 meses | 9 meses |
| Sexo do bebê | Feminino | Masculino | Feminino | Feminino |
| Bebê possui irmãos | Sim | Não | Sim | Não |

Embora considere-se a importância dos pais para a compreensão deste fenômeno nas famílias e suas circunstâncias multifacetadas, neste momento inicial e de caráter exploratório do estudo, optou-se por compreender inicialmente a visão das mães. O primeiro grupo foi constituído de mães que manifestaram seu interesse em contribuir com a pesquisa através das redes sociais. Já o segundo foi formado a partir do contato inicial feito com uma escola de educação infantil privada de Porto Alegre.

Delineamento:

O presente estudo é de natureza exploratória e delineamento qualitativo (Robson, 2002). A partir da metodologia qualitativa, o pesquisador pode compreender como os participantes avaliam uma determinada experiência, quais seus sentimentos e opiniões acerca

do fenômeno em questão (Barbour, 2009; Iervolino & Pelicioni, 2001). A coleta dos dados foi realizada a partir de grupo focal, técnica amplamente utilizada na área da saúde (Barbour, 2009; Trad, 2009). O tamanho da amostra em grupos focais varia amplamente na literatura (Breakwell, Hammond, Schaw, & Smith, 2010; Trad 2009). Optou-se inicialmente por até oito participantes em cada grupo, porém não foi possível chegar a esse número, devido à baixa procura das mães.

A metodologia de coleta de dados por meio de grupo focal foi escolhida pelo entendimento de que nela espera-se que os dados não sejam apenas coletados através do relato dos participantes, mas também das informações que emergem a partir da interação do grupo, no momento em que ele ocorre (Gui, 2003). O grupo focal, em uma perspectiva científica, pode ser utilizado como uma técnica de pesquisa primária que busca melhor compreensão sobre determinado fenômeno (Breakwell et al., 2010), mostrando-se adequado nos estágios exploratórios de uma pesquisa (Iervolino & Pelicioni, 2001; Ressel et al., 2008). Nesse sentido pode promover reflexões que não acontecem na entrevista individual, uma vez que a dinâmica do grupo focal contribui para a compreensão do participante sobre a temática, por ser construída por meio da discussão e da interação (Breakwell et al., 2010; Patton, 2002). Cabe ressaltar também que o grupo focal não foi utilizado para generalização de comportamentos e opiniões, mas sim para compreensão aprofundada sobre um tema (Iervolino & Pelicioni, 2001).

Procedimentos

Foi feito o recrutamento de mães para participarem dos grupos focais através de divulgação via internet. Também foram feitos contatos em duas escolas de educação infantil particulares de Porto Alegre. Foi feita uma ficha de contato inicial para todas as mães que manifestaram interesse em participar da pesquisa (Anexo A). Após contato telefônico feito pela pesquisadora, foi previamente marcado um horário para os grupos. O primeiro grupo ocorreu em uma sala do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o segundo em uma sala no local de trabalho das quatro mães participantes do estudo, segundo solicitação das mesmas, para facilitar a logística e o comparecimento de todas.

A partir da aprovação e ciência dos aspectos éticos envolvidos na pesquisa e assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE) (Anexo B), foram então realizados dois grupos focais, com duração de aproximadamente 1h e 30 minutos. Enquanto as participantes chegavam, foi entregue o Questionário de dados sociodemográficos (Anexo C) para preenchimento individual. Logo após, foi feito o *rapport* inicial para combinações sobre o funcionamento do grupo. Foram garantidos sigilo e conforto para a realização das

atividades. Os encontros foram gravados em áudio e vídeo. Estavam presentes a mediadora do grupo focal e uma bolsista de iniciação científica, membro da equipe de pesquisa. A mediadora teve o papel de coordenar o andamento da discussão, conduzindo o debate através do roteiro anexo (Anexo D); já as bolsistas observaram os grupos e auxiliaram nas filmagens, que foram utilizadas apenas para ajudar na transcrição do áudio, não tendo sido considerados os aspectos interativos não-verbais entre os participantes.

O roteiro elaborado norteou o andamento da discussão dos grupos, de forma aberta e flexível, com o objetivo de não interferir nas interações entre as participantes. Foi contado um pequeno trecho de uma história fictícia envolvendo o uso das tecnologias com bebês no início dos grupos. Foi abordada uma situação considerada comum, a fim de que as participantes pudessem se identificar, ajudando a diminuir possíveis desconfortos ou julgamentos, como forma de aquecimento (Flick, 2009). Na sequência, foram exploradas questões sobre o uso, tais como quem oferece a tecnologia à criança, em quais contextos ocorre e o que consideram vantagens ou desvantagens do uso feito pelos bebês.

Instrumentos

Ficha de contato inicial (NUFABE, 2017): esse instrumento foi utilizado como forma de triagem para conhecer a família e obter dados importantes dos filhos das possíveis mães participantes do estudo. Nesse instrumento constaram perguntas de anamnese sobre a família (Anexo A).

Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017): esse instrumento foi utilizado para fins de levantamento dos dados sociodemográficos e caracterização das participantes e de suas famílias, tais como a idade, escolaridade, condições de moradia, renda, entre outros (Anexo C).

Roteiro do Grupo Focal: este instrumento foi elaborado com base na literatura revisada, para investigar o uso que as famílias de crianças pequenas têm feito das tecnologias, o uso que os adultos fazem, o que as mães pensam sobre a tecnologia, o que as crianças assistem, em qual contexto, quem oferece a tecnologia, qual tipo de tecnologia é oferecida nos diferentes contextos, qual o tempo de uso, quais as vantagens e desvantagens em usar tecnologias com crianças pequenas, quais possíveis mudanças no comportamento da criança e qual a opinião das mães frente às críticas aos pais por ficarem muito distraídos enquanto usam seus celulares (Anexo D).

Considerações Éticas:

Este projeto seguiu os princípios éticos da pesquisa com relação à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, como consta na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O presente projeto foi submetido para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS e aprovado sob o parecer nº 2.316.472 O estudo ofereceu riscos mínimos às participantes. Caso houvesse desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora, teria sido oferecido suporte da equipe de pesquisa, com possível encaminhamento da participante para atendimento psicológico. Todas as participantes assinaram o TCLE (Anexo B) antes do início da realização do grupo focal. Os registros em áudio e vídeo ficam armazenados em local seguro e não foram usados para divulgação da identidade das participantes.

Análise dos dados

Os encontros realizados foram gravados e transcritos pela pesquisadora, com a ajuda de uma bolsista de iniciação científica. Os dados do Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017) foram usados para a caracterização das mães participantes do estudo, dos bebês e das suas famílias. A análise dos dados obtidos foi feita através de análise temática qualitativa (Braun & Clarke, 2006), com auxílio do software NVivo versão 11. O processo de análise para a codificação dos temas contemplou dois momentos: análise específica de cada grupo e análise posterior do conjunto dos temas presentes nos grupos realizados (Trad, 2009). Braun e Clarke (2006) definem a análise temática como uma forma de identificar, analisar e descrever padrões nos dados obtidos. Ressaltam que a forma como eles são coletados e posteriormente analisados em um estudo científico são de extrema importância e o processo que os envolve deve ser exposto de forma clara e detalhada. Em função disso, os seis passos propostos pelas autoras foram seguidos e foram aqui sucintamente relatados.

O primeiro diz respeito à familiarização com os dados. Requer que o pesquisador se debruce sobre eles, lendo-os integralmente e de forma ativa, já buscando possíveis padrões. As autoras também ressaltam que faz parte deste momento a transcrição dos dados, que também contribui enormemente para a sua compreensão por parte do pesquisador. O segundo passo envolve a codificação inicial dos dados, que contribuem para gerar os temas. O passo três caracteriza a classificação de possíveis temas, subtemas ou ainda categorias, enquanto o quarto passo proposto diz respeito à revisão dos temas, envolvendo o refinamento deles. Este momento deve proporcionar um bom panorama de quais são os diferentes temas, de como eles se encaixam e qual a visão geral que eles trazem dos dados. O quinto envolve a definição

definitiva dos temas e como cada um será nomeado na análise final e o sexto e último passo é a produção final da análise, que deve expor os dados obtidos de forma concisa, coerente, lógica e interessante.

A primeira leitura dos dados foi feita a partir das expectativas iniciais do estudo, construídas após revisão da literatura. Em consonância com a literatura revisada (Radesky et al., 2016), esperou-se inicialmente identificar temas no relato do grupo focal relacionados às dificuldades das mães em delimitar o uso de tecnologias; seu uso excessivo e possível estresse em torno das tecnologias digitais (como multitarefas e sobrecarga de informações); problemas na interação e educação dos filhos acentuados pela tecnologia; assim como, por outro lado, uma possível forma de acalmar as crianças quando estão agitadas, evitando conflitos.

Após exaustiva leitura e releitura dos dados e constante revisão da literatura, foram incluídas outras expectativas durante os procedimentos metodológicos da análise temática. Foram elas: quando se usa as tecnologias na rotina da família e por quais motivos ocorre; o que as mães consideram bom e mau uso; como a criança reage frente ao próprio uso de tecnologias e dos pais; se existe e como é vista a diferença entre televisão e dispositivos móveis (Bentley et al., 2016).

A partir disso, foram identificados quatro principais temas na fala das mães a respeito do uso das tecnologias nas suas famílias: a visão das mães sobre o uso de tecnologias, como é percebido o próprio uso dos adultos, os limites colocados pelos pais frente ao uso de tecnologias e os motivos para o uso de tecnologias. Dentro do primeiro tema surgiram três subtemas: visão geral das mães sobre o uso; mudança de opinião quanto ao uso antes e depois do nascimento dos filhos; e vantagens e desvantagens do uso de tecnologias. Os temas gerados a partir da fala das mães são representados na Figura 1:

Figura 1

Modelo gráfico da estrutura de temas



Resultados

Visão das mães sobre o uso de tecnologias:

Este tema abordou, de forma geral, a opinião das mães sobre o uso de tecnologias.

Subtema: Opinião das mães sobre o uso de tecnologias:

Destacaram-se sentimentos ambivalentes na fala das mães frente ao uso de tecnologias, em ambos os grupos. Seus relatos evidenciaram críticas quanto a possíveis excessos, ainda que todas as mães tenham afirmado fazer uso de algum tipo de tecnologia (foram mencionados uso de televisão, celular, *tablet* e DVD portátil) tanto próprio quanto da criança. As participantes relataram suas opiniões buscando ponderar o que diziam:

“Eu penso que tem os seus benefícios, mas eu não... acho que o excesso... o excesso pra nós também é ruim né... não só pro bebê né, acho que pros adultos também... usam em excesso. Mas também acho que tem um lado bom e um lado ruim, assim... não condeno totalmente, mas também...” (P4, G2).

Tal ponderação foi evidenciada principalmente quando as mães se referiram ao uso das crianças:

“É muito cômodo. Ai, por ser muito cômodo, tu quer sempre acessar essa solução, né, porque tu sabe que funciona, mas é bem isso, a gente fica com essa insegurança: mas será? Será que vai dar coisa boa?” (P3, G1).

Mesmo quando demonstravam considerar positivo o uso, ainda sim foram identificadas preocupações com tempo, quantidade ou excesso:

“Eu acho tranquilo... eu acho que tudo é um equilíbrio assim... eu não vejo problema em usar tecnologia, olhar a Galinha [Galinha Pintadinha] e tudo, mas, tudo moderado. Eu não me sinto culpada e não vejo nenhum problema dela olhar um pouquinho de noite enquanto eu faço alguma coisa” (P2, G2).

Algumas mães levantaram uma questão importante sobre a sensação de não ser possível viver sem o recurso das novas tecnologias, mesmo apresentando receios quanto a isso:

“Ai eu acho que... é... que... eu acho... eu acho que é uma coisa que a gente não tem como fugir né...” (P4, G2).

Subtema: Mudança de opinião quanto ao uso antes e depois do nascimento dos filhos:

Durante a realização dos grupos, algumas mães expressaram mudanças significativas na percepção que possuíam referente ao uso das tecnologias antes da chegada dos filhos e como pensavam utilizar esse recurso com eles. Nesses casos, foi relatada a modificação da opinião contrária ao uso. A partir das vinhetas abaixo é possível pensar que essa mudança também pareceu estar relacionada com o sentimento mencionado acima de que o uso das tecnologias é inevitável:

“É muito engraçado assim, a gente sempre pensa: ah, com meu filho não vou querer que assista né, antes de ter o bebê. Mas depois, não tem... não tem assim... a gente não

tem opção. É uma coisa que realmente... a criança fica completamente... ãhn, ãhn, focada naquilo ali né. [...]. Eu acho que meu preconceito caiu. (risos). Acho que hoje eu acho totalmente aceitável” (P2, G1).

“Eu acho que é um mal necessário né... antes eu pensava, não, não vou usar, eu não vou fazer... mas aí quando a gente vê... é um recurso que a gente tem, porque a gente já tentou brinquedo, largar na cama, largar no sofá, largar no tatame, nãñã... e nada resolve... e aí... (P1, G2).

As falas ilustram o quanto as mães possuíam julgamentos negativos em relação ao uso das tecnologias com crianças pequenas antes do nascimento dos filhos. Além disso, parece que as mães pensavam em manejar o uso de uma forma, mas o modificaram frente às demandas dos filhos. O trecho a seguir, de um diálogo entre duas mães, exemplifica que o uso das tecnologias pode ser sentido, em alguns momentos, como o único recurso disponível para lidar com os bebês:

[Neste momento a P3 comentava de uma ocasião na qual foi ao cabelereiro e precisou levar o bebê, que ficou assistindo um desenho no celular enquanto a mãe era atendida].
“Eu me senti um pouco envergonhada, porque, claro, antes de ser mãe eu olhava...” (P3, G1).

“Coitada daquela criança bitolada, né, que não sai do celular!” (P1, G1).

“É, “ai, só fica dando o celular...” Mas aí eu fico pensando, não tenho o que fazer. Ou ela fica incomodando os outros, atrapalhando os outros, ou... e eu pensando... eu sempre tento pensar, assim, bah o que que eu podia dar pra ela brincar, alguma coisa, mas, às vezes, eu não sei se falta criatividade da minha parte...” (P3, G1).

“Pois é, como é que faziam quando não tinha celular, né?” (P1, G1).

Subtema: Vantagens e desvantagens do uso de tecnologias:

Destacaram-se questões que foram consideradas pelas mães como vantagens e desvantagens do uso de tecnologias pelos bebês. Na fala das participantes, foi possível identificar que algumas das vantagens apresentadas relacionavam-se a benefícios diretos aos bebês, como a possível “familiaridade” com a tecnologia:

“Hmmm... deixa eu pensar. Eu acho que pode ser uma vantagem, também, a criança já, hmmm... tá em contato com a tecnologia, né, que pra gente, quanto tempo a gente demorou pra aprender a lidar com isso, e eles já nascem assim, já têm facilidade. Uma vantagem pras próximas gerações, assim, que já nascem com essa interação” (P2, G1).

Também foram citadas vantagens relacionadas à facilidade de comunicação com familiares que estão distantes:

“Eu vejo... e eu acho que isso é um benefício que tem hoje da nossa época... que eu tenho 39... eu lembro que a gente não tinha muitas opções... né... mas o celular o que eu acho de vantagem é no sentido de conseguir mostrar até vídeos que a gente grava

com ela...então aí ela se reconhece, também de ouvir a voz de alguém, por exemplo... meu irmão mora [no exterior], agora, então a gente usa Skype, Skype não, o vídeo do whats ali, pra poder falar, então, de poder... nesse sentido, é bom, sabe... é uma coisa que agrega, que a gente não tinha né...” (P3, G2).

Outra vantagem mencionada foi a diversão em momentos de lazer com a família:

“Eu fiquei pensando, vantagem pra ela... Não sei, ela parece feliz, assim, pelo menos, pelo menos pra aquele momento, acha legal. A minha filha, dependendo da música, que é a música que ela gosta, ela dança, fica de pé, fica dançando assim. Eu acho bonitinho, acho que ela gosta...” (P3, G1).

Porém, como ilustrado pelas vinhetas a seguir, também foi possível identificar que, muitas vezes, as vantagens relacionadas ao uso de tecnologia com os bebês são endereçadas aos adultos (pais, mães, cuidadores) e não propriamente aos bebês:

“A vantagem, eu acho, com certeza, é mais pros pais, assim né, um momento de sossego pros pais” (P3, G1).

“Vantagem... vantagem é quando a gente precisa um tempo assim... a internet, digamos assim, as vezes eu coloco alguma coisa na TV pra ele, pra que eu possa fazer alguma coisa né. Acesso direto, ali [referindo-se à SmartTv]” (P2, G2).

Já no que diz respeito às desvantagens apontadas pelas mães, foram identificados medos relacionados a danos físicos, cognitivos e sociais ao bebê quando exposto às tecnologias em um tempo que elas considerem excessivo. Uma das mães relatou o medo de que a filha estivesse com dificuldade para começar a falar, pois considera que ela foi muito exposta às tecnologias:

“Sempre utilizei bastante. E aí agora eu comecei a investigar essa questão no atraso da fala e da comunicação da B1, e aí eu regredi um pouco, né. Eu estou mais cuidadosa com o tempo de uso dessas tecnologias, né. Então assim, antes eu usava meio que indiscriminadamente e agora não... [...]. É essa questão da gente não saber as consequências da utilização dessas tecnologias. Acho que isso é uma desvantagem, porque a gente tá expondo, é bom.. eu tô vivendo um pouco agora essa questão de que pode ser que a falta de estímulo e o excesso de tecnologia esteja atrasando um pouco a questão do desenvolvimento da B1...” (P1, G1).

Outras mães também relataram medos em relação ao uso, especialmente com a concentração excessiva no estímulo virtual em detrimento do estímulo real:

“Eu acho que uma desvantagem pode ser a falta de concentração. Hm... no mundo real, né, do que tá acontecendo aqui. Tipo, vai comer, ela não tá concentrada na comida, né. Ela não tá concentrada no sabor da comida, sei lá, né. Ela tá concentrada na Peppa, ali, sabe...” (P2, G1).

“Não, o que me deixa mais assim, agoniada, é que às vezes ela fica fixa e ela nem... qualquer coisa, qualquer perturbação fora daquilo ali ela não... não olha pro lado, não pisca! Eu fico meio preocupada com isso...” (P4, G2).

Uma das mães mencionou como desvantagem o uso do celular em detrimento das brincadeiras mais ativas fisicamente e ao ar livre:

“A questão de brincar com coisas assim, mais corporal, na rua... porque hoje a gente mora em apartamento. Antes morava em casa, me criei em casa... então hoje eles já estão restritos a um apartamento, com muito mais violência e com um celular na mão... então isso me preocupa mais assim... acho que isso tira certas vivências que a gente teve que são boas, que são importantes...né. Pro crescimento deles, pro desenvolvimento corporal” (P1, G2).

Apenas uma das mães pareceu demonstrar preocupação no que diz respeito a questões de autorregulação do bebê, como o desenvolvimento da tolerância à frustração, por exemplo:

“O meu maior medo assim é... bem como ela falou, a gente não sabe, né. Não sabe o efeito. A gente não tem, hmm... certeza se isso tá fazendo bem ou mal. A única coisa que eu penso é assim: se eu usar a tecnologia todas as vezes que ela entrar em frustração e, e... como uma resposta imediata, aquilo, eu tenho a sensação que isso não vai dar coisa boa no futuro...” (P3, G1).

Outra mãe verbalizou o medo de que o excesso de uso de tecnologias possa prejudicar a interação do bebê com os demais:

“Claro que tem os excessos daí... tem pessoas que são mais... ahn... eu tenho vizinhos que a gente senta pra tomar chimarrão, daí tem um menino que é um pouquinho mais velho que meu filho, mas ele desde 1 ano, só ficava no celular. Ele não interagia muito com todo mundo. Aí nesse sentido a gente não quer copiar o modelo... mas acho que em alguns momentos precisa né...” (P3, G2).

Como é percebido o próprio uso (adultos):

Embora a discussão sobre como percebem o próprio uso tenha se dado principalmente a partir de uma das perguntas norteadoras dos grupos focais, as mães constantemente fizeram comparações entre o próprio uso de tecnologias e o uso pelos filhos e em como elas podem ser exemplos para eles. Assim, mostraram preocupação frente ao possível excesso de uso pelos adultos:

“Passou dos limites... (risos). O uso dos adultos passou. O meu uso passou do aceitável... lá em casa passou do aceitável... meu marido passou do aceitável, eu passei, minha mãe passou... nem sei se teria um limite...mas acho que virou meio assim.... ó um assunto a ser discutido de verdade, de saúde assim” (P1, G1).

“Tu não percebe... eu mesma às vezes ficava parada ali olhando, tipo eu não sei nem como é, como eu senti e peguei o celular... era muito natural assim. Quando vi ela (bebê) tava ali e eu: opa!” (P3, G1).

“Eu digo assim pro meu marido: “A gente não é o que a gente fala pra [nome da bebê], a gente é o que a gente faz pra [nome da bebê], né” ainda mais agora que ela não se comunica, assim, né, do jeito que ela vai se comunicar um dia. Então, ela vê a gente no celular, ela vai querer, ela vai achar que aquilo é o normal, que aquilo é o comum, né” (P3, G1).

“...mais do que precisaria. Assim, mais do que seria bom, eu acho” (P3, G2).

Limites colocados pelas mães frente ao uso de tecnologias:

Nos momentos em que as mães pareciam sentirem-se ambivalentes frente ao uso das tecnologias com seus bebês, relataram as situações nas quais percebiam que colocavam limites ou demonstravam cautela frente à exposição dos filhos. Porém, não foi relatado nenhum tempo específico de limite; isso parecia acontecer de forma subjetiva, sem uma combinação familiar prévia.

“Eu vejo que tem que tomar cuidado, assim, porque senão ela vai querer ficar só ali olhando, não vai querer fazer outras coisas... É que eles não têm medida né... quem tem que ter medida somos nós ne... então a gente tem que ter cuidado. Mas pra reduzir, tem que começar por nós, assim. Tentar que ela não veja a gente tanto no telefone, assim, né. Ela vai pensar: “meu pai e minha mãe passam nesse troço, deve ser bom, eu também quero” (P1, G1).

“Vai muito do controle do pai e da mãe da questão da interação social, né, mesmo. Porque não dá pra estar numa reunião de família, numa reunião de amigos e a criança está ali, meio que isolada, num mundo à parte, assim né. Isso a gente tenta cuidar pra não acontecer” (P3, G2).

Motivos para o uso de tecnologias:

A partir da indagação sobre os contextos nos quais as tecnologias eram mais utilizadas, foram identificados na fala das mães não só o contexto no qual faziam uso, mas também os motivos pelos quais o uso ocorria. Estes foram pautados em necessidades de cuidado do bebê, seja para realização de tarefas para ele, seja para atividades pessoais (de lazer ou não).

Foram trazidas pelas mães diversas situações nas quais afirmaram que o motivo do uso das tecnologias era para que elas pudessem distrair ou acalmar seus bebês. No relato delas ficou evidente que era uma necessidade própria, uma vez que foi um recurso utilizado para auxiliá-las no manejo com a criança ou para que pudessem realizar alguma tarefa, e não porque sentiam que aquele era um desejo ou necessidade do (a) filho (a):

“Quando eu preciso fazer, principalmente de noite, assim, de noite é onde eu mais me aperto. Porque eu acho que ela está mais cansada, daí não quer mais brincar, aí eu apelo pra Galinha Pintadinha (risos). [...] pra poder cozinhar, pra poder fazer a janta dela, essas coisas né... é bem o que acontece lá em casa” (P3, G1).

“Eu utilizo quando eu preciso, se ela está muito agitada, então, ah, vou trocar a fralda e ela está muito agitada. Ela está naquela época que ela fica se virando assim (faz o gesto) e a gente fica assim (faz o gesto) pra trocar a fralda” (P1, G1).

“Eu vejo que a ela tá mais interessada assim em querer caminhar. Porque ela se estica toda, se tá no colo assim se estica toda e quer descer. Ela tá mais interessada por isso agora. Daí assim, as vezes pra descansar um pouco, porque tem uma hora que a pessoa não aguenta [risos], tem que botar! (desenho na televisão)” (P4, G2).

Também destacaram-se as falas das mães relacionadas a momentos nos quais sentiram a necessidade de fazer uso das tecnologias com seus bebês, particularmente em situações nas quais precisavam distraí-los ou acalmá-los, e não estavam em casa e não contavam com alguém que pudesse ficar com o bebê:

“A gente foi no final do ano pra [outra cidade] dai queríamos comer [comida típica do local], dai a gente sentou pra comer um dia, eu sentei ela, dei o tablet e biscoito de polvilho. E aí nós comemos fondue, eu e meu marido, como se nós estivéssemos só nós dois...” (P1, G1).

“Bah, esses dias... lembrei, eu tive que ir no meu cabelereiro só fazer um teste de mechas, assim, de ficar uma hora e meia, e eu não tinha com quem deixar a bebê, dai ela vai junto né. Aí ela queria ficar andando, e mexia nos esmaltes das manicures... isso não vai dar coisa boa. Eu falei: “Filha vem cá”. E daí ela não queria, queria agitar, né, agitar, não sei o que... e daí eu falei: “Tá. Senta aqui”. Olha, acho que deve ter dado quase uma hora, aqui ó” (faz o gesto de usar o celular) (P3, G1).

“No carro... se tá, ah, sei lá, estamos há bastante tempo no carro e ela já tá chorando, aí eu ponho no carro assim o celular...” (P4, G2).

“A gente sempre tenta entreter... só se eu não levo brinquedo, daí às vezes precisa usar... assim, tipo, sala de espera... normalmente assim, os médicos que são específicos pra criança hoje em dia eles já tem brinquedinhos, então eles brincam mais... mas se ela vai me acompanhando, ou numa coisa que eu preciso eu ir na médica e não tem com quem deixar ela, daí eu acabo usando esse recurso” (P3, G2).

Discussão

A partir dos grupos focais realizados, foi possível conhecer questões importantes sobre o uso que as mães fazem das chamadas novas tecnologias, como *tablets* e celulares, e também da televisão (Bentley et al., 2016; Chassiakos et al., 2016) com seus bebês. Ademais, através dos encontros, as mães trocaram informações sobre como esse recurso tão atual e presente é usado dentro de suas famílias e quais os possíveis sentimentos despertados frente a isso. De forma geral, embora seja visto como uma solução em momentos difíceis, o uso de tecnologias também gera medos e incertezas.

Nesse sentido, foi possível perceber sentimentos ambivalentes no relato das mães. Embora considerem pontos positivos e negativos do uso, predomina a escolha pelo uso das tecnologias, tanto as móveis quanto as tradicionais. Pode-se pensar que o considerado pelas mães como um possível mau uso foi relacionado a excessos, embora não tenham apontado uma delimitação do que seria considerado como aceitável e o que seria excessivo. Em relação à exposição que consideram positiva para a criança, foram observadas vantagens a respeito das facilidades proporcionadas pela tecnologia para manter contato com familiares distantes, conforme recomendado pela Sociedade de Pediatria Americana (AAP, 2016). Outras

vantagens mencionadas pelas mães foram os momentos de diversão e lazer com a família e a possibilidade do uso das novas tecnologias com recursos e potencialidades que podem proporcionar novas aprendizagens (Huber, Highfield, & Kaufman, 2018). Além disso, a possibilidade de interação com o celular como, por exemplo, a criança se reconhecer em vídeos ou fotos, também aponta a visão positiva dos dispositivos *touchscreen* (Lovato & Waxman, 2016).

Por outro lado, as vantagens para as próprias mães também foram consideradas como pontos positivos no uso das tecnologias. Esse recurso tem sido utilizado em ocasiões de lazer, principalmente como uma solução em momentos considerados difíceis pelas mães. Algumas delas relataram que, muitas vezes, colocar um desenho na televisão ou algum vídeo no celular ou *tablet* foi a única maneira que conseguiram para acalmar o bebê. No entanto, verbalizaram que essa nem sempre foi a primeira opção, uma vez que tentam distrair e acalmá-los de outras formas, como usar brinquedos ou colocar para dormir. Situações nas quais as mães também relataram só conseguir fazer alguma atividade apenas quando a criança se distraía com a televisão, por exemplo, também foram citadas. Esses resultados do presente estudo assemelham-se aos encontrados na literatura, que indicam que, em situações de difícil manejo com a criança, parece existir o sentimento das mães de que o uso de algum dispositivo móvel ou da televisão é o único recurso disponível (Bentley et al., 2016; Brown & Smolenaers, 2016).

Contudo, o uso dessa estratégia parece ser acompanhado por desvantagens, que foram associadas pelas mães a possíveis riscos para o bebê. Foram relatados medos de prejuízos na atenção, na capacidade de tolerância à frustração, interação no mundo real, atividade física e desenvolvimento corporal, além de dificuldades na fala. Porém, além de focar apenas nos possíveis prejuízos para o bebê, também é importante problematizar que muitas vezes as recomendações voltadas para o uso de tecnologias parecem atentar apenas para o que os pais não devem fazer, sem apontar soluções ou acolher as suas necessidades. Ou ainda, compreender como ocorre o uso das tecnologias e qual seu propósito (Huber et al., 2018), uma vez que algumas mães relataram sentir, em alguns momentos, que esse foi o único recurso disponível para lidar com a demanda do bebê.

Foi possível perceber que a maioria das mães mudou sua posição frente ao uso das tecnologias feito por crianças pequenas após o nascimento dos filhos. Em momentos de dificuldade no manejo com eles, algumas delas sentiram a necessidade de utilizar este recurso, diferentemente de como imaginavam fazer previamente. A partir disso, pode-se pensar que o sentimento de que as tecnologias são a única solução para acalmar os filhos pode estar relacionado a necessidades dos adultos e não das crianças. É importante ressaltar que, de fato,

os cuidadores, e em muitos casos a mãe, quando é a pessoa que mais se ocupa do bebê, enfrentam uma série de dificuldades. Sabe-se que os primeiros anos de vida da criança acarretam profundas transformações na reorganização familiar (Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, & Veríssimo, 2014). Essa pode ser uma tarefa complexa. Nesse sentido, o uso das tecnologias parece estar à serviço do auxílio das mães, como uma estratégia para lidar com as exigências e dificuldades no cuidado do bebê.

Os momentos da rotina nos quais as mães do presente estudo sentiram maior necessidade de fazer uso das tecnologias, dentro de casa, foram os que identificaram que a criança estava cansada e irritada, como na troca de fralda, alimentação e preparação para dormir. Também foi muito relatada a necessidade do uso quando a mãe estava cansada ou necessitava fazer alguma atividade e não contava com alguém para ficar com o bebê. Os resultados encontrados assemelham-se a estudos que apontaram o uso das tecnologias como uma forma de auxiliar os pais a realizarem tarefas domésticas, ter tempo livre ou apenas um momento de descanso (Kabali et al., 2015; Radesky et al., 2016). Já em momentos fora de casa, como em restaurantes, viagens de carro e salas de espera dos médicos, nos quais a criança mostrou-se cansada ou irritada, também foi relatado o uso de tecnologia para acalmá-las ou distraí-las. Percebe-se a importância dos dispositivos móveis no chamado terceiro espaço, que são os períodos considerados como de transição, geralmente de curta duração, no qual não é possível fazer uso da televisão, como os mencionados acima pelas mães do presente estudo (Lovato & Waxman, 2016).

Foi possível identificar, conforme os achados de Bentley et al. (2016), que as mães participantes não relataram preferir os dispositivos móveis à televisão. Dentro do ambiente familiar foi feito uso predominantemente da televisão. Já em ambientes externos foi feito maior uso de dispositivos móveis, principalmente do celular, para distrair a criança quando necessário. Nesse sentido, embora os dispositivos móveis possam proporcionar maior espaço criativo e de interação para a criança (Huber et al., 2018), essa não foi uma aparente prioridade das mães no momento de optarem por qual tecnologia oferecer à criança. Algumas mães relataram que oferecem mais a televisão para seu bebê em casa, por saber que ele não vai poder mexer ou trocar de canal.

As participantes expressaram que é necessário colocar limites frente ao uso de tecnologias, embora não tenha sido relatado nenhum tempo estipulado como máximo ou alguma combinação prévia entre os cuidadores. Associado a isso pode estar a questão de que, conforme aponta a literatura, além de os bebês dependerem dos pais para estarem expostos e o uso seja cada vez maior, ainda assim ele parece aumentar conforme a idade (Lauricella et al., 2015). Ademais, a partir da fala das mães foi possível perceber que a exposição dos bebês às

telas parece ocorrer a partir da iniciativa dos adultos e não das crianças, principalmente como um recurso para auxiliá-las quando necessário.

Cabe destacar que as mães do presente estudo consideraram seu próprio uso de tecnologias como excessivo, principalmente do celular. Dessa forma, observou-se maior preocupação das mães frente ao próprio uso, e não ao uso do bebê. Por outro lado, conforme aponta a literatura, o maior uso de tecnologias dos pais pode estar associado a maior exposição e uso dos filhos (Lauricella et al., 2015). Além disso, os pais podem ficar menos disponíveis quando fazem uso excessivo de tecnologias, prejudicando a interação. Essa prática está associada a interferências na interação entre pais e crianças (Radesky et al., 2016), principalmente quando os pais fazem uso de dispositivos móveis na presença dos filhos (McDaniel & Radesky, 2017).

Considerações Finais

Ainda que as crianças façam uso das telas cada vez mais cedo e o papel dos pais seja extremamente importante nesse processo, existem poucos estudos empíricos que abordem o uso e a visão dos pais sobre o uso das tecnologias no Brasil e internacionalmente. Frente aos aspectos teóricos abordados no presente artigo, acredita-se que o grupo focal tenha contribuído para fornecer dados importantes sobre o entendimento dos motivos alegados pelas mães para o uso de tecnologias feito por crianças de até dois anos. Foi possível perceber que o uso em famílias com bebês, diferentemente de crianças maiores, parece estar mais relacionado a momentos de dificuldade, sendo usado mais como um recurso em situações de necessidade do que como uma ferramenta com o objetivo de proporcionar benefícios para o desenvolvimento da criança pequena.

Além disso, no que diz respeito ao uso, acesso e exposição de crianças até dois anos, existem controvérsias frente aos possíveis benefícios (Anderson & Hanson, 2013; Lovato & Waxman, 2016). De acordo com a literatura, as crianças menores de dois anos têm capacidade de aprendizagem significativa através das telas quando a exposição ocorre na presença de uma figura significativa, como os pais ou outros cuidadores – considerando que estes estão da mesma forma engajados e investindo naquele momento de interação, estando emocionalmente disponíveis à criança (Radesky et al., 2016). Dessa forma, atenta-se para a importância de conhecer os objetivos pelos quais as crianças de até dois anos são expostas às tecnologias, sejam as novas ou as tradicionais. Embora compreenda-se que no mundo tecnológico da atualidade possa ser um desafio para as mães não fazer uso de recursos como estes, eles não deveriam interromper ou interferir nas interações presenciais no contexto familiar (Chassiakos et al., 2016; Radesky et al., 2014).

A escolha metodológica do grupo focal ofereceu às participantes uma possibilidade de reflexão a respeito dessa temática (Veiga & Gondim, 2001). Quanto às limitações do estudo, pode-se pensar que não foram exploradas as características individuais dos bebês, a visão dos pais e demais cuidadores sobre o uso, questões de rede de apoio, aceitação ou não da gestação e número de filhos. Também não foram entrevistadas mães de diferentes níveis socioeconômicos, o que também pode influenciar nesse contexto. Todos esses temas podem ser explorados em futuros estudos.

Conclui-se que este estudo contribuiu para a compreensão sobre como ocorre e quais os motivos para o uso das tecnologias em famílias com bebês. Acredita-se que os dados gerados possam contribuir para a importância de olhar para as dificuldades enfrentadas pelas mães de crianças pequenas ao se pensar em recomendações e estudos sobre o tema.

Referências

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, 138(5), 1-8. doi: 10.1542/peds.2016-2591
- Anderson, D. R., & Hanson, K. (2013). What researchers have learned about toddlers and television. *Zero to three*, 33(4), 4-10. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/287195548_What_Researchers_have_learned_about_toddlers_and_television
- Barbour, R. (2009). *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed.
- Bentley, G. F, Turner, K. M., & Jago, R. (2016). Mother's view of their preschool child's screen-viewing behavior: a qualitative study. *Bio Med Central Public Health*, 16(718) 1-12. doi: 10.1186/s12889-016-3440-z
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. (Trad. Felipe Rangel Elizalde). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brito, R., Francisco, R., Dias, P., & Chaudron, S. (2017). Family dynamics in digital homes: the role played by parental mediation in young children's digital practices around 14 european countries. *Contemporary Family Therapy*, 39, 271-280. doi: 10.1007/s10591-017-9431-0
- Brown, A., & Smolenaers, E. (2016). Parent's interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. *Journal of Family Issues*, 39(2). 1-24. doi: 10.1177/0192513X16646595

- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D. A., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Children and adolescents and digital media. *American Academy of Pediatrics, 138*(5), 1-20. doi: 10.1542/peds.2016-2593
- Connell, S. L., Lauricella, A. R., & Wartella, E. (2015). Parental co-use of media technology with their young children in the USA. *Journal of Children and Media, 9*(1), 5-21. doi: 10.1080/17482798.2015.997440
- Cristia, A., & Seidl, A. (2015). Parental reports on touch screen use in early childhood. *PLoS One, 10*(6), 1-20. doi: 10.1371/journal.pone.0128338
- Dias, P., Brito, R., Ribbens, W., Daniela, L., Rubene, Z., Dreier, M., Gemo, M., Di Goia, R., & Chaudron, S. (2016). The role of parents in the engagement of young children with digital technologies: exploring tensions between rights of access and protection, from Gatekeepers to Scaffolders. *Global Studies of Childhood, 6*(4), 414-427. doi: 10.1177/2043610616676024
- Eisenstein, E., & Estefenon, S. B. (2011). Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto, 10*(2), 42-52. Disponível em: http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2014). Percepção de competência parental: exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica, 2*(32), 147-155. doi: 10.14417/ap.854
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Frizzo, G. B., Bandeira, D. R., Levandowski, D. C., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E. J., Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Pieta, M. A. M., & Silva, M. A. (2017). Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil. Projeto de Pesquisa não publicado.
- Gui, R. T. (2003). Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *rPpot, 3*(1), 135-160. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7071>
- Hinkley, C., Carson, V., Kalamakae, K., & Brown, H. (2017). What mums think matters: a mediating model of maternal perceptions of the impact of screen time on preschoolers' actual screen time. *Preventive Medicine Reports, 6*, 339-345. doi: 10.1016/j.pmedr.2017.04.015
- Huber, B., Highfield, K., & Kaufman, J. (2018). Detailing the digital experience: media use in the home learning environment. *British Journal of Educational Technology, 0*(0), 1-13. doi: 10.1111/bjet.12667

- Iervolino S. A., & Pelicioni M. C. F. A. (2001). Utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista Escola de Enfermagem USP*, 35(2), 115-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03>
- Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K. P., & Bonner, R. L. (2015). Exposure and use of mobile media devices by young children. *Pediatrics*, 136(6), 1044-1050. doi: 10.1542/peds.2015-2151
- Knowles, A., Kirk, A. F., & Hughes, A. R. (2015). Parent's perceptions of their children's sedentary behavior. *Qualitative Research on Sport, Health and Exercise*, 7(4), 449-465. doi: 10.1080/2159676X.2015.1008026
- Kucirkova, N., & Zuckerman, B. (2017). A guiding framework for considering touchscreen in children under two. *International Journal of Child-Computer Interaction*, 12, 9-46. doi: 10.1016/j.ijcci.2017.03.001
- Lauricella, A. R., Wartella, E., & Rideout, V. J. (2015). Young children's screen time: tcomplex role of parent and child factors. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 11-17. doi: 10.1016/j.appdev.2014.12.001
- Linhares, M. B. M., & Martins, C. B. S. (2015). O processo de autorregulação no desenvolvimento de crianças. *Estudos de Psicologia Campinas*, 32(2), 281-293. doi: 10.1590/0103-166X2015000200012
- Lovato, S. B., & Waxman, S. R. (2016). Young children learning from touchscreens: taking a wider view. *Frontiers in Psychology*, 7(1078), 1-6. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01078.
- Matsumoto, M., Aliagas, C., Morgade, M., Corroero, C., Galera, N., Roncero, C., & Poveda, D. (2016). Young children (0-8) and digital technology: a qualitative exploratory study. *National Report of Spain, Joint Research Centre European Commission*, 1-85. Retrieved from: http://www.academia.edu/35046586/Young_children_0-8_and_digital_technology_-_What_changes_in_one_year_Spain_National_Report
- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). Technology interference in the parenting of young children: implications for mother's perceptions of coparenting. *The Social Science Journal*, 53, 435-4430. doi: 10.1016/j.soscij.2016.04.010
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. S. (2017). Technoference: parent distraction with technology and associations with child behavior problems. *Child Development*, 00, 1-10. doi: 10.1111/cdev.12822.
- Neumann, M. M. (2015). Young children and screen time: creating a mindful approach to digital technology. *Australian Educational Computing*, 30(2), 1-15. Retrieved from: <https://experts.griffith.edu.au/publication/n5162600d026988252ac710706778a7bc>

- Nikken, P., & Schols, M. (2015). How and why parents guide the media use of young children? *Journal Child and Family Studies*, 24, 3423-3435. doi 10.1007/s10826-015-0144-4.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017). *Questionário de dados Sociodemográficos*. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017). *Ficha de Contato Inicial*. (Adaptado de Gidep/Nudif, 2013). Instrumento não publicado.
- Padilla-Walker, L. M., Coyne, S. M., & Fraser, A. M. (2012). Getting a highspeed family connection: associations between family media use and family connection. *Family Relations*, 61(3), 426–440. doi: 10.1111/j.1741-3729.2012.00710x
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. EUA: Sage Publications.
- Plowman, L., Stevenson, O., McPake, J., Stephen, C., & Adey, C. (2011). Parents, pre-schoolers and learning with technology at home: some implications for policy. *Journal of Computer Assisted Learning*, 27, 361-371. doi: 10.1111/j.1365-2729.2011.00432.x
- Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. D. (2016). Parent perspectives on their mobile technology use: the excitement and exhaustion of parenting while connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 37(9), 694-701. doi: 10.1097/DBP.0000000000000357
- Radesky, J. S., Schumacher, J., & Zuckerman, B. (2015). Mobile and interactive media use by young children: the good, the bad, and the unknown. *Pediatrics*, 135 (1), 1-3. doi: 10.1542/peds.2014-2251
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self-regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics*, 133 (5), 1172-1178 doi: 10.1542/peds.2013-2367
- Ressel, L. B., Beck, C. L. C, Gualda, D. M. R., Hoffmann, I. C., Silva, R. M., & Sehnem, G. S. (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto de Enfermagem*, 17(4), 779-786. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/21.pdf>
- Robson, C. (2002). *Real world research: a resource for social scientists and practitioner-researchers* (2nd ed.). Malden: Blackwell.
- Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796. doi: 10.1590/S0103-73312009000300013
- Veiga, L., & Gondim, S. M. G. (2001). A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. *Opinião Pública*, 7(1), 1-15. doi: 10.1590/S0104-62762001000100001.

ARTIGO 2

A importância da função de *mãe suficientemente boa* para o desenvolvimento do bebê no ambiente tecnológico da atualidade

Resumo

O uso das tecnologias é constante e crescente na atualidade, tanto na sociedade de forma geral, quanto em famílias com crianças de até dois anos. Esse recurso, então, permeia o ambiente familiar em um momento crucial para o desenvolvimento infantil, no qual muitos hábitos estão sendo construídos, assim como as bases para as experiências relacionais futuras. Sob à luz da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de D.W. Winnicott, o presente artigo teve como objetivo investigar indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação da mãe com o bebê, no contexto do uso das tecnologias. Foram realizados grupos focais com sete mães de crianças pequenas (de até 24 meses) para explorar como ocorre esse uso nas famílias. Os dados foram analisados a partir de temas relacionados à função de *mãe suficientemente boa* na interação das mães com seus bebês, no contexto do uso das tecnologias, compreendidos como fatores que permitem à mãe estar atenta, sensível e identificada com às possíveis influências das tecnologias nos bebês. Os dados sugerem que a tecnologia pode contribuir para o desenvolvimento saudável do bebê, quando o seu uso está à serviço da constituição de um ambiente suficientemente bom.

Palavras-chave: exposição às telas, uso de tecnologias, bebês, desenvolvimento emocional primitivo, mãe suficientemente boa.

Abstract

The use of technologies is constant and growing nowadays, both in society in general, and in families with children up to two years. In this sense, this resource permeates the family environment at a crucial time for child development, in which many habits are being built, as well as the basis for future experiences. Thus, under D. W. Winnicott's theoretical contribution of primitive emotional development, the present article aimed to investigate indicators of the function of *the good-enough mother* in the interaction of the mother with the baby, in the context of the use of the technologies. Focus groups were held with mothers of young children (up to 24 months old) to explore how the use of technologies in families occurs. Data were analyzed from the function of *the good-enough mother* in the interaction of the mother with the baby, in the context of the use of the technologies, understood as factors that allow the mother to be attentive, sensitive and identified with the possible influences of technologies on babies. The data suggest that the technological environment can contribute to the healthy development of the baby when the use of technologies is at the service of the constitution of a good enough environment.

Keywords: screen's exposure, use of technology, babies, early emotional development, good-enough environment.

Introdução

O uso das tecnologias é constante e crescente na atualidade (American Academy of Pediatrics (AAP, 2016); Canadian Pediatric Society, 2017; McDaniel & Radesky, 2017). Nas famílias com crianças pequenas, percebe-se o frequente uso das novas tecnologias, ou seja, dos *tablets* e celulares, assim como da televisão (Brown & Smolenaers, 2016; Common Sense Media, 2017). Uma vez que o uso das tecnologias permeia o ambiente familiar em um momento crucial para o desenvolvimento infantil, no qual muitos hábitos estão sendo construídos (Lauricella, Wartella, & Rideout, 2015; Radesky, Peacock-Chambers, Zuckerman, & Silverstein 2016), é importante explorar a complexidade, a praticidade e os motivos para o uso das tecnologias em famílias com crianças de até dois anos. Além disso, é consenso que a qualidade das primeiras experiências de interação do bebê servirá como base para as posteriores, contribuindo ou impedindo-o de desenvolver sua tendência inata ao crescimento (Winnicott, 1945/1993), destacando a importância desse período.

O estudo de Radesky, Silverstein, Zuckerman, e Christakis (2014) sugere que crianças com problemas de autorregulação (como dificuldade para dormir, conseguir se acalmar e controlar as emoções) podem ser mais expostas às telas de forma geral, como uma estratégia dos pais para lidar com os seus comportamentos difíceis. Radesky et al. (2016) também encontraram resultados semelhantes em um estudo com 144 pais de crianças com dificuldades socioemocionais de 15 a 36 meses, no qual estes relataram fazer maior uso de dispositivos móveis para acalmar os filhos. Porém, os autores ressaltaram que a maior exposição e uso de tecnologias das crianças em função dessa estratégia de enfrentamento utilizada pelos pais também pode estar associada a prejuízos na aquisição da autorregulação (Radesky et al., 2014), na medida em que pode contribuir para que o uso da criança se torne excessivo. Esse questionamento parece relevante, pois não há consenso na literatura sobre os efeitos da exposição dos bebês às telas a curto e longo prazo (AAP, 2016).

O uso constante e excessivo de tecnologias nas famílias, realizado tanto por pais quanto por crianças, pode trazer riscos para o desenvolvimento infantil (Domingues-Montanari, 2017) e prejuízos para a interação do bebê com as suas famílias, quando as tecnologias são usadas individualmente (McDaniel & Radesky, 2017). Contudo, o uso de tecnologias nas famílias com bebês é frequente e vem aumentando (Chassiakos, Radesky, Christakis, Moreno, & Cross 2016; Haughton, Aiken, & Cheevers, 2015; Lauricella et al., 2015; Livingstone & Smith, 2014; Radesky & Christakis, 2016). Embora as crianças de até dois anos sejam menos expostas às tecnologias que as que crianças maiores (Common Sense Media, 2017), a idade na qual se inicia a exposição às tecnologias vem sendo cada vez menor (Domingues-Montanari, 2017; Straker, Zabatiero, Danby, Thorpe, & Edwards, 2018),

podendo começar em torno dos quatro meses de idade (AAP, 2016). Pouco se sabe sobre o uso dos bebês, uma vez que a maior parte dos estudos têm como foco as crianças na faixa etária a partir dos quatro anos (Common Sense Media, 2017). No Brasil, dados relativos ao uso de tecnologias abordam predominantemente a população entre nove e 17 anos (Pesquisa TIC Kids Online Brasil, 2015).

Para compreender o uso de tecnologias em famílias com bebês, parece importante refletir sobre o papel essencial das tecnologias na sociedade. Os adultos frequentemente fazem uso excessivo de tecnologias, mesmo não sendo nascidos em um ambiente altamente tecnológico como o das crianças da atualidade. A internet parece ter papel fundamental na sociedade contemporânea, muitas vezes vista como acelerada e superficial. A rapidez e a intensidade da tecnologia aparentemente vão ao encontro das necessidades dos indivíduos da atualidade, em um mundo de excessos e adições, no qual a intensidade parece ser um causador de mal-estar. O imediatismo e os excessos contribuem para a diminuição ou até mesmo ausência do tempo de espera pela gratificação, o que dificulta a possibilidade de os sentimentos passarem pela palavra e pelo pensamento, causando um possível empobrecimento psíquico (Morais Kallas, 2016).

Por outro lado, Mendes (2015) atenta para os riscos de se generalizar como patológico o uso dos *smartphones* na sociedade contemporânea. Embora possam ser usados de forma patológica, se substitutos da realidade, quando o uso dos *smartphones* feito pelo sujeito contemporâneo contribui para que ele compartilhe sua realidade com outras pessoas, ainda que virtualmente, pode-se pensar em um potencial saudável para esse uso. Sendo assim, a forma como essa ferramenta será usada corresponderá à qualidade do uso que será feito dela. Os *smartphones*, de acordo com a autora, não deveriam ser vistos como vilões: são apenas utilizados a serviço da expressão da subjetividade de cada pessoa. Não são a causa dos sintomas, mas sim uma possível consequência deles. Nesse sentido, eles podem ser vistos como uma ferramenta criada pelos próprios indivíduos, com a qual as pessoas tentam lidar com seus possíveis vazios e desamparos, embora erroneamente se relacionem a uma alienação do sujeito, como se fosse algo criado externamente. Porém, que desamparo seria esse? *De quem?* O espaço virtual modificou a forma como as pessoas se relacionam, e essa nova perspectiva não deve ser rechaçada, mas sim melhor compreendida (Genovese Filho, 2007).

Tendo isso em vista, e considerando que os dois primeiros anos de vida constituem um período crucial, no qual estão sendo construídas as bases do desenvolvimento emocional (Winnicott, 1945/1993), assim como os hábitos da criança pequena em relação ao uso das tecnologias (Radesky et al., 2014), levanta-se o questionamento: esse uso pode estar a serviço dos bebês ou dos adultos? Estando ele a serviço dos adultos, existem benefícios da exposição

para os bebês? Quais os possíveis efeitos do uso de tecnologias feito por crianças pequenas? No presente estudo, buscou-se compreender a importância das tecnologias e suas possíveis influências para o desenvolvimento infantil sob à luz da psicanálise, especificamente a partir de pilares da obra do pediatra e psicanalista britânico Donald Woods Winnicott (1896-1971).

Winnicott deu muita importância, em sua obra, ao desenvolvimento emocional do bebê (e logo, também ao do adulto) e ao ambiente no qual ele está inserido. Neste período inicial da vida, a qualidade das interações do bebê com seus cuidadores, assim como os cuidados recebidos por esses, tem importantes implicações para o desenvolvimento emocional, já que estas primeiras relações vão instaurar as bases da saúde mental no indivíduo (Winnicott, 1964/2006). Cabe destacar que a mãe foi referida no presente estudo como principal cuidadora, pois geralmente é ela quem desempenha primeiramente o papel de maior importância na vida do bebê. Apesar disso, entende-se que essa não é uma regra, uma vez que esse papel de cuidado inicial não é restrito exclusivamente à mãe e ao gênero feminino, podendo ser feito por outra pessoa significativa, desde que permita a experiência de ser do bebê (Serralha, 2013).

A teoria winnicottiana destaca o papel do ambiente facilitador no crescimento emocional do bebê. Esse ambiente corresponde à mãe, por ser, em geral, a principal cuidadora e, portanto, o primeiro objeto a ser percebido (Aparecida Serralha, 2016; Roudinesco & Plon, 1998; Silva, 2016). Porém, a família como um todo tem um importante papel no desenvolvimento da criança e na sua inserção no mundo social, possibilitando ao bebê as primeiras experiências de interação, contribuindo ou impedindo-o de desenvolver sua tendência inata ao crescimento (Winnicott, 1964/2006). O uso e acesso às tecnologias nas famílias com bebês, assim como a importância das atitudes, do papel e da interação que os pais desenvolvem com os filhos nessa realidade (Lauricella et al, 2015; Lovato & Waxman, 2016) foram compreendidos como fatores ambientais potencialmente facilitadores ou complicadores para o crescimento infantil.

A criança de até dois anos considerada saudável tem uma tendência inata ao desenvolvimento, tanto físico quanto emocional. Porém, esse crescimento só ocorre a partir de condições suficientemente boas. Um dos pontos mais importantes do primeiro ano de vida é o caminho da dependência à independência relativa (Winnicott, 1963/1983). Nesse momento inicial, ela é absoluta, uma vez que o bebê é totalmente dependente do ambiente físico e emocional, não sendo nem ao menos conhecida por ele. A criança segue precisando do cuidado do ambiente para garantir seu desenvolvimento e sobrevivência, mas gradualmente passa a perceber esse cuidado. Já a independência relativa ocorre quando a criança consegue criar meios para dar início a sua vida também sem o cuidado real.

A criança deve ter passado pelo período de dependência (absoluta e relativa) para que se evidencie sua tendência inata ao crescimento. Só assim, com um acúmulo de recordações do cuidado, introjeção de detalhes dele e projeção de suas necessidades, juntamente com um sentimento de confiança no meio, é que ela vai poder se desenvolver de forma saudável (Winnicott, 1963/1983). Caso isso não ocorra e o bebê se depare com um padrão de falta de cuidados e falhas, pode se instaurar o adoecimento psíquico (Aparecida Serralha, 2016). Nesse sentido, o caminho rumo à independência relativa não ocorre simplesmente de forma natural. Só acontece se a pessoa responsável pelos cuidados do bebê é capaz de mostrar-se sensível e adaptada às necessidades dele, propiciando o acúmulo de experiências positivas para o desenvolvimento do bebê (Winnicott, 1960/2011). Quando existe um ambiente suficientemente bom, o bebê pode vivenciar as satisfações, as ansiedades e os conflitos inerentes e condizentes com sua etapa do desenvolvimento (Winnicott, 1956/1993). Ainda, sobre a progressão do bebê para o princípio de realidade, Winnicott (1951/1993) postula:

A mãe suficientemente boa, como afirmei, começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela (p.401).

Durante o primeiro ano de vida, a partir das experiências emocionais de cuidado recebidas, o bebê passa da condição de não-integração para a integração, tornando-se um indivíduo inteiro. Essa integração propicia a aquisição gradual da independência relativa. As funções de *mãe suficientemente boa* nos primeiros estágios do desenvolvimento que permitem essas conquistas envolvem o segurar (*holding*), o manipular (*handling*) e a apresentação de objetos. O *holding se* refere ao amparo e à segurança que a mãe fornece ao bebê, quando consegue identificar-se com ele. Diz respeito ao segurar tanto físico quanto emocional, que garantem a sustentação psíquica para o bebê se desenvolver. Já o *handling* está relacionado à manipulação dos cuidados físicos do bebê, propiciando sua integração entre mente e corpo (Winnicott, 1960/2011).

Dessa forma, quando o bebê é segurado e manipulado satisfatoriamente, sua experiência legítima de onipotência não é violada. A *mãe suficientemente boa*, então, permite ao bebê viver a ilusão da onipotência, ou seja, de que o seio (primeiro objeto percebido) foi criado por ele. O impulso criativo da criança só ocorre se a mãe permitir, e o faz apresentando a realidade externa nos momentos de atividade criativa da criança, de forma sensível e adaptada a ela. Nesse sentido, de forma espontânea, o bebê passa a conhecer o mundo real, em pequenas doses. Sua capacidade de relacionar-se com os objetos reais a partir da apresentação do mundo pela mãe em fragmentos, nos momentos exatos, os quais ela tem

conhecimento devido a sua identificação e adaptação com o bebê, sugere também a importância da mãe conseguir mostrar-se sensível às necessidades dele. Esse processo causa a progressiva desilusão que a mãe deve fazer para que a inserção do bebê no mundo real propicie sua saúde mental. Quando o *holding* é insuficiente, o bebê, se sentindo desintegrado, pode experimentar sentimentos de desamparo e despedaçamento, podendo comprometer sua capacidade de relacionar-se com os objetos e apropriar-se da realidade externa, gerando a ameaça de caos (Winnicott, 1960/2011).

Entende-se que, frente aos avanços tecnológicos da atualidade, ao se pensar na inserção do bebê no mundo real, parece ser essencial considerar que ele se desenvolve em um ambiente altamente tecnológico, no qual o uso constante das tecnologias faz parte da rotina das famílias e vem revolucionando a forma como as pessoas se relacionam (Chassiakos et al., 2016; Lauricella et al., 2015). Nessas condições, a função de *mãe suficientemente boa*, descrita por Winnicott (1951/1993), é imprescindível para o desenvolvimento emocional saudável do bebê, para que ela possa estar atenta e adaptada às necessidades dele, permitindo que o seu uso e exposição às tecnologias possam contribuir para o desenvolvimento de um ambiente facilitador para o seu crescimento.

Alguns estudos empregaram conceitos winnicottianos para a compreensão de aspectos da maternidade. Por exemplo, o estudo de Esteves, Anton e Piccinini (2011) buscou investigar indicadores do conceito winnicottiano da *preocupação materna primária*, no contexto da gestação de mães que tiveram parto pré-termo. Os resultados mostraram que esse importante estado psicológico no qual a mãe se encontra desde os últimos meses da gestação até os primeiros meses de vida do bebê também está presente, embora o contexto da prematuridade tenha contribuído para dificuldades na aquisição dessa capacidade. O conceito trouxe subsídios para compreender os sentimentos vivenciados pela mãe nesse importante contexto. Nesse sentido, o presente estudo também buscou o aporte teórico de um dos conceitos da teoria winnicottiana para compreender aspectos da interação da mãe e do bebê no ambiente tecnológico da atualidade. Tendo isso em vista, o presente estudo teve como objetivo investigar indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação da mãe com o bebê, no contexto do uso das tecnologias.

Método

Participantes

Os participantes foram os mesmos detalhados no artigo/Estudo I.

Delineamento:

Será utilizado o mesmo delineamento do Estudo I.

Procedimentos

Foram realizados os mesmos procedimentos do Estudo I

Instrumentos

Foram utilizados os mesmos instrumentos do Estudo I

Considerações Éticas:

Este projeto seguiu os princípios éticos da pesquisa com relação à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, como consta na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O presente projeto foi submetido para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS e aprovado sob o parecer nº 2.316.472. O estudo foi de riscos mínimos às participantes. Caso houvesse desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora, teria sido oferecido suporte da equipe de pesquisa, com possível encaminhamento da participante para atendimento psicológico. Todas as participantes assinaram o TCLE (Anexo B) antes do início da realização do grupo focal.

Análise dos dados

Os encontros foram gravados e transcritos pela pesquisadora, mediante ajuda de bolsista de iniciação científica. Os dados do Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017) foram usados para a caracterização das mães participantes do estudo, dos bebês e de suas famílias. A análise temática dos dados obtidos foi utilizada para investigar indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação das mães com seus bebês, no contexto do uso das tecnologias. Para tanto, através de análise temática qualitativa (Braun & Clarke, 2006), com o auxílio do software NVivo versão 11, foram examinados os sentimentos maternos frente às necessidades do bebê no contexto de uso e/ou exposição das tecnologias. Os dados foram analisados a partir de temas relacionados às funções de *mãe suficientemente boa* que foram aqui compreendidas como fatores que permitem à mãe estar atenta e sensível às influências da tecnologia no bebê.

Os temas foram então definidos como a visão das mães sobre a influência do uso da tecnologia nos bebês, pressupondo assim a capacidade de ela estar identificada com seu bebê (a visão foi dividida em dois subtemas, uma vez que foram relatadas diferentes visões frente ao uso do próprio bebê e frente ao uso do pai ou da mãe) e a sensibilidade materna frente a

possível necessidade do bebê de fazer uso das tecnologias. Foram apresentadas as descrições dos temas ilustradas pelos relatos e diálogos das mães participantes.

Resultados

Visão das mães sobre as influências do uso da tecnologia no bebê:

Este tema destacou os momentos nos quais as mães relataram suas visões a respeito da influência das tecnologias no bebê. As participantes apontaram diferenças nas reações do bebê frente ao próprio uso e frente ao uso feito por elas ou pelos pais dos bebês.

Subtema: influências frente ao uso do próprio bebê

Foi possível observar que, sob a perspectiva materna, quando os bebês estavam fazendo uso de alguma tecnologia, geralmente a tendência foi de que se mostrassem focados na tela, como se não estivessem ouvindo o que estava ao redor: *“A gente sempre utilizou muito, e sempre me chamou muita atenção que a [nome da bebê] sempre se fixou muito no tablet, assim”* (P1, G1); *“Tem momentos que ele desliga total... assim, se tu chamar ele pra qualquer coisa... ele sai... fica naquele mundo assim e presta muita atenção naquilo. Tem momentos que tenho que desligar a televisão, se eu quero a atenção dele. Se eu quero falar alguma coisa, explicar, tem que desligar a televisão”* (P2, G2).

Através das trocas propiciadas pelos grupos focais, foi possível identificar questionamentos delas frente a essa “fixação”, assim por elas denominada. Nesse sentido, é possível pensar que, além de estarem atentas às influências, também se mostraram preocupadas com os efeitos que um possível excesso poderia causar nos bebês: *“Eu tenho receio... se essa... digamos assim, ficar fixo ali olhando, se aquilo realmente não é prejudicial né... as vezes ela até não pisca. Não pisca, ela não pisca, fica assim [faz o gesto de olhar a televisão]. É impressionante”* (P4, G2). Outra mãe também relatou surpresa frente à influência da tecnologia no bebê: *“É que eles não têm medida né... quem tem que ter medida somos nós né... então a gente tem que ter cuidado. A [nome da bebê] também, se ela está olhando e a gente tira dela, ela fica braba, que ela senta no chão assim de braba. [...] É, mas enfim, é muito...é, é muito impressionante, né gurias, ver o efeito que isso faz na criança”* (P1, G1). Além de mostrar-se impressionada, a mãe também verbalizou a sensibilidade quanto ao seu papel na exposição da filha, mencionando que os adultos *“que tem que ter medida”*.

Outro ponto trazido nos diálogos entre as mães foi a diferença que elas sentiram em relação à influência das tecnologias no bebê de acordo com a faixa etária. A partir da discussão da questão da “fixação” já mencionada dos bebês frente às telas, deu-se o seguinte diálogo entre as participantes P1, P2 e P3 do primeiro grupo (G1):

“Mas uma coisa que vocês falaram, na minha casa é ao contrário, claro a minha filha tem só quatro meses, né, mas... tu falou que, quando tu tá fazendo a janta e tal, ela fica com o tablet e ela se acalma [referindo-se a P1]. Com a minha filha é ao contrário. Se ela assiste um, um filmezinho, alguma coisa, ela fica mais dispersa e não dorme, então, à noite, eu procuro não ligar nada, sabe? Não sei assim... (P2, G1)

Mas tu sabe que... a [nome da bebê], ela demorou pra... pra demonstrar interesse, assim, pelos desenhos. Ela... a gente mostrava, assim, sei lá, a gente... a primeira vez que a gente mostrou ela devia ter uns cinco, seis meses, e ela nem bola, nem bola. A gente botava e ela ficava olhando pra outra coisa, nós tá, né. Olha, foi, acho que lá pelo uns nove, assim, que daí ela olhou e ficou... E a gente tenta mostrar outros desenhos... mas só a Galinha Pintadinha. Aquela galinha tem uma magia atrás (risos) (P3, G1).

Sim. A minha filha não fica assim, não sei se é pela idade dela...mas ela fica enlouquecida, ela bate as perninhas, os bracinhos... ela fica muito agitada (P2, G1).

Mas a [nome da bebê] ficava mais agitada quando era menor. Eu acho que também vão se acostumando, vão entendendo o que que é, já sabe o que esperar, né” (P1, G1).

Não, foi mais ou menos, ali também. E, ultimamente, a reação dela é: acalma, fica ali, ó, parece um budinha” [faz o gesto sugerindo uma meditação] (P3, G1).

Subtema: reações do bebê frente ao uso dos pais

Este subtema trouxe os relatos da visão das mães a respeito da influência da tecnologia no bebê frente ao uso feito pelos pais. Foram mencionados momentos nos quais as mães disseram sentir que as crianças ficaram incomodadas com o uso que o adulto estava fazendo das tecnologias, pois, de alguma forma, solicitavam a sua atenção, ou até mesmo tentavam explorar os aparatos eletrônicos. Uma das mães mencionou o incômodo da filha frente ao uso do pai: *“Uma coisa legal que aconteceu assim, ruim pra ele [pai da bebê], legal pra mim (risos), é que a minha filha ficava, ficou... tipo ele chegava em casa, ele sentava pra ficar no celular e a minha filha ia atrás dele e começava a chorar...e olhava pra ele e chorava, e olhava pra ele e chorava...” (P3, G1).* Já outras mães referiram o incômodo da filha frente ao seu próprio uso: *“Ah, às vezes, eu vejo que eu tô no telefone e ela vem e me solicita assim, sabe? Acho que ela... né, tá sentindo que tá dividindo a atenção, assim, né. Porque engraçado que ela vem e me solicita, não é que ela esteja querendo ver o que eu tô vendo, ela quer que eu vá fazer alguma coisa com ela, né. Porque, agora, ela já chama a gente pra ir brincar na... na, no play dela lá, que a gente fez um espaço só pra ela, e ela vai nos puxando pela mão até lá, entendeu? Ela tem feito isso, quando eu tô no celular, assim, ela... às vezes, vem e me puxa pra ir pra brincar com ela” (P1, G1); “A [nome da bebê] mais pega da mão mas já teve vezes que ela tirou da minha mão e subiu no meu colo, sabe. E aí queria mamar, por*

exemplo, se é alguma coisa nesse sentido. Pra dar atenção pra ela. Mais ou menos isso assim” (P3, G2).

Também foram referidos momentos nos quais as mães estavam atentas ao fato de que os bebês voltavam sua atenção para o aparelho eletrônico, quando elas estavam fazendo uso. Nesses casos, a reação do bebê também pareceu ser diferente, de acordo com a idade. A bebê de 9 meses explorou o dispositivo como um objeto que estava sendo utilizado pela mãe: *A [nome da bebê] quer pra ela pegar [o celular]. Mas assim como, se eu tiver com um controle na mão, ela quer pegar, ela quer o controle também e geralmente coloca na boca” (P1, G2).* Já de acordo com a única participante mãe de um bebê de 24 meses, ele imitou sua ação, no caso de uso do celular: *“O meu quer imitar o que tu tô fazendo. Se ele me vê fazendo uma coisa, ele vai lá e quer fazer igual” (P2, G2).*

Sensibilidade materna frente à possível necessidade do bebê de fazer uso das tecnologias:

A partir do relato das mães, foram trazidos momentos nos quais elas sentiram que os bebês manifestaram algum interesse em pegar o celular ou o controle remoto da televisão, por exemplo, no intuito de explorá-lo como um brinquedo. Apenas uma das mães relatou o hábito da sua filha de pedir para assistir à televisão, mesmo tendo 18 meses: *“A [nome da bebê], ela pede, né, pra assistir televisão. Então ela pega o controle da televisão e entrega pro meu marido, se a televisão está desligada” (P1, G1).* Cabe destacar que, de acordo com o relato da mãe, a bebê acima foi muito exposta à tecnologia, a ponto de a família modificar a rotina da casa, por sentir que a exposição foi excessiva. Em outro momento essa mãe também mencionou que, após diminuírem consideravelmente o tempo de exposição da bebê às telas, ela sentiu que a filha passou a se interessar mais por brinquedos que antes não buscava.

Por outro lado, outras mães trouxeram situações nas quais observaram que seus bebês pegaram o celular ou o controle remoto da televisão, porém sem a finalidade de utilizar aquele recurso, mas sim brincar, morder ou explorar o objeto, como foi possível perceber no diálogo a seguir:

“A [nome da bebê], ela tá com 9 meses né, eu não sei... eu acho eu acho que é uma coisa de curiosidade [referindo-se a quando a bebê pega o celular], não acho que é com, com, o intuito da tecnologia ainda. Até porque eu uso mais a TV pra ela do que o celular. Porque daí ela pega pra pôr na boca [risos]. Ela não pega pra ficar, né...(P1, G2).

A minha também. Também põe na boca (P4, G2).

É... então assim, é celular e controles da tv (P1, G2).

Controle ela adora, adora morder um controle [risos] (P4, G2).

Sim, tem fissura por controle, mas não é pra apertar botãozinho, é pra por na boca mesmo [risos]” (P1, G2).

Porém, assim como foram anteriormente observadas pelas mães distintas influências das tecnologias nos bebês de acordo com suas idades, também aqui elas sugeriram que o interesse pode se sofisticar com o crescimento do bebê, como nas vinhetas abaixo, que se referem a bebês de 24 e 14 meses, respectivamente: *“Ele não usa o celular, mas se tu põe em cima da mesa, ele vai e aperta o botão. Ele quer mexer, mas eu não deixo ele mexer. Mas ele vai, pra fazer aquilo funcionar!” (P2, G2).* O relato seguinte sugere a sensibilidade da mãe frente às descobertas feitas pela filha em relação ao celular: *“A [nome da bebê], ela agora já descobriu que aperta no botão e acende a tela [risos]. Ai ela adora ficar fazendo isso. Antes ela só mordida, agora faz isso, precisa olhar” (P3, G2).* A P2 do segundo grupo focal ainda verbalizou o fato de seu bebê não demonstrar interesse em utilizar o celular ou algum outro aparelho eletrônico, a não ser que seja colocado para ele: *“Ele só quer se a gente deixar em cima da mesa assim [o celular]... ai ele vê e quer mexer... mas em outros momentos não... ele não pede pra assistir, nada. Mais é a TV, se eu coloco ali, ele já reconhece, já fica feliz, já faz uma festa pra assistir, assim. Mas ele não pede pra assistir desenho, nada assim... é conforme a gente vai colocando pra ele” (P2, G2).*

Discussão

A partir dos temas apresentados foi possível identificar a presença da sensibilidade e adaptação das mães nas suas interações com seus bebês, no contexto das tecnologias. Dessa forma, através da técnica do grupo focal, as mães puderam trocar informações, relatando diferenças e semelhanças nas influências das tecnologias nos seus bebês, bem como os sentimentos despertados nelas em função do uso da tecnologia feitos pelos filhos e no ambiente familiar como um todo. Conforme verbalizado por uma das mães, algumas delas relataram que *“é impressionante ver o efeito que isso faz na criança”*, o que sugere, de forma geral, que elas percebem importantes influências das tecnologias nas experiências dos bebês.

Tais influências foram sugeridas a partir das reações dos bebês frente às telas, nomeadas pelas mães principalmente como *“agitação”* e *“fixação”*. Além disso, de acordo com a visão materna, as tecnologias parecem influenciar os bebês de formas distintas, de acordo com a faixa etária, uma vez que a agitação foi referida pela mãe da bebê de 4 meses e a extrema *“fixação”* foi relacionada a bebês maiores. Conforme aponta a literatura, embora as crianças menores de dois anos já apresentem interesse em assistir à televisão, parecem existir diferenças na forma como elas vão assistir e compreender o conteúdo observado. Em função

da maturação cognitiva, apenas entre os 18 e 24 meses elas começam a poder se ater ao conteúdo do que é assistido, e não mais às cores e estímulos visuais, como ação e movimento dos personagens (Demers, Hanson, Kirkorian, Pempek, & Anderon, 2013). Nesse sentido, pode-se pensar que a mãe da bebê de quatro meses mostrou uma adaptação sensível frente à necessidade dela, relatando ter o cuidado de desligar todos os aparelhos eletrônicos da casa próximo do horário da bebê dormir, para que a agitação manifestada por ela quando faz uso de telas não interferisse no seu sono.

Já os bebês maiores apresentaram maior “fixação”, segundo o relato das mães, sugerindo que eles estavam prestando atenção ao conteúdo dos desenhos. A partir disso, pode-se pensar que os bebês com mais de um ano provavelmente já podem se ater mais ao que é assistido. Porém, de acordo com a visão materna, também pode-se pensar que a menção à “fixação” sugere que a criança está em uma posição passiva, sem aparente interação com o que está sendo visto e sem parecer estar interagindo com a realidade a sua volta. Nesse sentido, se pode pensar na sensibilidade das mães nessa situação, trazendo preocupações quanto a possíveis excessos frente à manifestação identificada no bebê.

No entanto, conforme o relato de uma das mães, foi percebida “certa insistência” dela e do marido para que a filha começasse a assistir desenhos, pois sentia que ela “não dava bola” para o que era mostrado. Se a bebê “demorou para mostrar interesse”, conforme expressou a mãe, questiona-se se essa era uma necessidade da bebê naquele momento. Considerando a importância das tecnologias na vida dos adultos e da inserção do seu uso na rotina das famílias, o que foi verbalizado pela mãe como uma “insistência” pode estar possivelmente relacionado a uma necessidade dos pais naquela situação e não da criança, o que aponta para uma falta de sensibilidade materna neste momento em específico. Dessa forma, pode-se pensar que, mesmo em um ambiente suficientemente bom, no qual se pressupõe a sensibilidade materna e a identificação com as necessidades do bebê, também podem existir momentos, frente a alguma dificuldade da mãe em lidar com as demandas do bebê e/ou da maternidade, que o uso acabe sendo feito com maior “insistência”, como nomeado por uma das mães.

A partir disso, atenta-se à importância de se pensar em quais são as reais necessidades de um bebê. Sabe-se que, em uma situação inicial de total dependência ou dependência relativa do ambiente, as suas necessidades são experiências de afeto e cuidado, que irão formar a base de seu desenvolvimento saudável. Nesse sentido, de acordo com a teoria do desenvolvimento emocional primitivo (Winnicott, 1945/1993), o bebê necessita de experiências emocionais de cuidado, que forneçam um ambiente saudável, no qual sintam-se seguro e amparado, para tornar-se um indivíduo integrado, podendo se relacionar com a

realidade externa e gradualmente inserir-se no mundo. Passando inicialmente de uma condição de total dependência, para a relativa e posteriormente adquirir a independência relativa, o bebê vai aos poucos percebendo o cuidado recebido.

Quando o bebê necessita dos cuidados referidos acima, que pressupõem a presença do adulto (aqui inicialmente considerando-se a mãe), e isso não acontece, ele pode sentir-se desamparado, configurando um ambiente sem condições adequadas para o seu desenvolvimento. Dessa forma, pensando no contexto do ambiente tecnológico, pode-se sugerir que a exposição dos bebês às telas, quando utilizada como um substituto - e não um complemento, recurso, ou estratégia - do cuidado prestado ao bebê, pode estar a serviço da constituição de um ambiente que o impeça de receber o cuidado necessário acima referido. Nessa perspectiva, o uso das tecnologias pode também servir como uma forma de cobrir o vazio e desamparo dos pais (Mendes, 2015).

Assim, tal cenário de desamparo pressupõe um mau uso das tecnologias. Dessa forma, cabe ponderar que momentos nos quais a mãe está sozinha com o bebê, por exemplo, e necessita realizar alguma tarefa, em um período considerado curto, ou no qual ela está extremamente cansada, não parecem por si só configurarem um mau uso. Conforme teorizado por Winnicott (1960/2011), quando a mãe vai apresentando o mundo ao bebê em doses que ela percebe como toleráveis para ele – por estar identificada com ele – pode-se pensar em uma adaptação às necessidades do bebê. Nesse sentido, é importante enfatizar que a simples exposição às tecnologias não pressupõe uma desadaptação da mãe às necessidades do bebê. Pelo contrário, se realizada em pequenas doses, pode ser protetiva para que ele possa gradualmente se deparar com as falhas do ambiente de forma saudável, sem intrusões. Pode-se pensar na situação já referida, da “insistência” relatada por uma das mães para que a filha assistisse ao desenho na televisão como uma adaptação gradual, uma vez que isso ocorreu ao longo de vários meses, não como uma intrusão, mas sim como um processo inserido aos poucos – inserindo também o possível “fracasso” da mãe -, que também faz parte da função de *mãe suficientemente boa*.

Porém, de acordo com o relato das mães, também foi possível perceber que o interesse dos bebês em relação às tecnologias parece mudar conforme o crescimento. De acordo com a idade, passaram a explorar o celular, por exemplo, de forma distinta. O que inicialmente era visto apenas como um objeto a ser mordido, com o aumento da idade passou a ser explorado de outras formas, como algo com função de apertar o botão e perceber que a luz acende, por exemplo. Nesse sentido, pode-se pensar que a inserção do bebê no mundo tecnológico também deve levar em consideração a sua faixa etária. Na fala das mães do presente estudo, foi possível perceber que elas apresentaram essa sensibilidade, na medida em que trouxeram

que os bebês, em torno dos 12 meses, estavam mais familiarizados com o mundo a sua volta e, conseqüentemente, com o ambiente tecnológico, podendo explorar de forma mais detalhada o objeto (aparelho eletrônico).

Também foi possível perceber que as mães se mostraram sensíveis frente à sua importância no processo de apresentação do mundo tecnológico à criança, uma vez que o bebê não pede para assistir desenhos, apenas assiste o que é oferecido a ele. Além disso, de acordo com o relato das mães, nos momentos de exposição às telas juntamente com os adultos, os bebês pareceram demonstrar maior interesse no cuidador e na interação com ele e não na tecnologia em si. Como foi possível observar nos resultados deste estudo, as crianças na maioria das vezes não manifestaram interesse em fazer uso da tecnologia, mas sim em estar em contato com o cuidador que estava com ela ou tiveram seu interesse despertado pelo aparelho por ser um objeto frequentemente usado pelos adultos. Esses resultados apontam para a importância dos cuidadores para os bebês, sugerindo que a necessidade deles está direcionada à interação com o adulto e cuidados recebidos por ele e não às telas propriamente.

Dessa forma, pode-se constatar que, conforme postula a teoria winicottiana, os bebês necessitam de um ambiente suficientemente bom, que proporcione a eles cuidados que lhes dêem segurança e afeto, possibilitando que desenvolvam sua tendência inata ao crescimento emocional. Não é a intenção do estudo de sugerir que isso só ocorra excluindo a tecnologia dentro das famílias, mas sim sugerir que o seu uso, quando ocorra, seja de forma adaptada às necessidades do bebê. Sendo assim, sugere-se que, no mundo tecnológico da atualidade, o bebê possa contar com um *ambiente tecnológico suficientemente bom* para que possa se desenvolver de maneira saudável.

Considerações Finais

A partir dos dados obtidos, foi possível analisar os indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação da mãe com o bebê, no contexto do uso das tecnologias. Foram identificados comportamentos indicativos de sensibilidade materna frente às necessidades e possíveis influências das tecnologias nos bebês e nas suas interações com eles, sugerindo que os bebês do presente estudo estavam, em sua maioria, inseridos em um ambiente suficientemente bom que, mesmo com suas possíveis e esperadas falhas, promoveu condições saudáveis para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, as mães se mostraram, de forma geral, sensíveis às necessidades do bebê e atentas aos possíveis riscos e excessos que o ambiente tecnológico pode trazer, sugerindo que puderam exercer as funções de mãe suficientemente boa, fornecendo o *holding*, *handling* e apresentação de objetos, postulado pela teoria winnicottiana, aos seus bebês.

Conforme postula Winnicott (1960/2011), a experiência saudável do bebê com o mundo (real ou virtual) vai evoluindo gradualmente, de acordo com a capacidade da mãe de mostrar-se sensível e adaptada ao bebê, percebendo os momentos nos quais a apresentação da realidade deve ocorrer para ele. Nesse sentido, pode-se pensar na exposição das tecnologias como um dos momentos importantes de apresentação da realidade ao bebê, uma vez que elas fazem parte da atualidade. Considerando o aporte teórico winnicottiano, sugere-se que a inserção no mundo virtual deva também ocorrer de forma gradual, de acordo com o que a mãe sinta como uma necessidade do bebê naquele momento. Frente ao relato das mães do presente estudo, podendo sentir a evolução da exploração feita pelo bebê, pode se pensar que a realidade tecnológica foi, nesses casos, provavelmente apresentada de forma respeitosa e adaptada ao bebê, sem causar intrusões na sua experiência de ser, permitindo que ele próprio passasse a explorar o celular e descobrir nesses aparatos novas funções.

Considerando os dados do presente estudo, frente ao mundo tecnológico da atualidade, considera-se que os bebês do presente estudo puderam contar também com um *ambiente tecnológico suficientemente bom*. Pode-se sugerir que, se o uso de tecnologias em famílias com bebês seja feito com ponderação, no qual a mãe mostre-se sensível às necessidades da criança, ela encontre um ambiente facilitador para o seu desenvolvimento emocional.

Quanto às limitações do estudo, deve-se considerar que, assim como postulado pela teoria winnicottiana, o ambiente e o desenvolvimento da criança foram aqui pensados a partir de situações saudáveis. Porém, sabe-se que muitas vezes as mães podem estar inseridas em contextos de vulnerabilidade ou apresentarem problemas emocionais que não foram avaliados no presente estudo. Nesse sentido, sugere-se que novos estudos sejam feitos considerando diferentes contextos familiares, as características individuais dos bebês, bem como a visão dos pais ou de outros cuidadores de referência para o bebê. Outros pontos a serem explorados em futuros estudos são as possíveis diferenças socioeconômicas das famílias, questões relacionadas à gestação, rede de apoio e configuração familiar, que também podem interferir na sensibilidade materna.

Conclui-se que este estudo contribuiu para compreender como ocorre a função de *mãe suficientemente boa* na interação com o bebê, no contexto das tecnologias. Acredita-se que os dados gerados possam contribuir para a compreensão da necessidade de pensar em alternativas para que as tecnologias sejam inseridas de forma saudável e adaptada às necessidades dos bebês, podendo assim, contribuir para o desenvolvimento de um *ambiente tecnológico suficientemente bom*, que seja facilitador para o seu desenvolvimento.

Referências

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, *138*(5), 1-8. doi: 10.1542/peds.2016-2591
- Aparecida Serralha, C. (2016). *O ambiente na obra de Winnicott: teoria e prática clínica*. Curitiba: Editora CRV
- Barbour, R. (2009). *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. (Trad. Felipe Rangel Elizalde). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brown, A., & Smolenaers, E. (2016). Parent's interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. *Journal of Family Issues*, *39*(2). 1-24. doi: 10.1177/0192513X16646595
- Canadian Paediatric Society, Digital Health Task Force. (2017). Screen time and young children: promoting health and development in a digital world. *Paediatrics & Child Health*, *22*(8), 461-468. doi: 10.1093/pch/pxx123
- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D. A., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Children and adolescents and digital media. *American Academy of Pediatrics*, *138*(5). doi: 10.1542/peds.2016-2593
- Common Sense Media. (2017). *The Common Sense Census: Media use by kids age zero to eight*. Retrieved from: <https://www.commonsensemedia.org/research/the-common-sense-census-media-use-by-kids-age-zero-to-eight-2017>
- Demers, L. B., Hanson, K. B., Kirkorian, H. L., Pempek, T. A., & Anderson, D. R. (2013). Infant gaze following during parent-infant coviewing of baby videos. *Child Development*, *84*(2), 591–603. doi: 10.1111/j.1467-8624.2012.01868.x
- Domingues-Montanari, S. (2017). Clinical and psychological effects of excessive screen time on children. *Journal of Paediatrics and Child Health*, *53*, 333–338. doi: 10.1111/jpc.13462
- Esteves, C. M., Anton, M. C., & Piccinini, C. A. (2011). Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo. *Psicologia Clínica Rio de Janeiro*, *23*(2), 75-99. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bistream/handle/10183/114779/000939040.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

- Genovese Filho, A. (2007). Adolescência no espaço virtual. *Publicação CEAPIA*, 16(16), 23-27. Disponível em: <http://www.ceapia.com.br/website/revista/>
- Gui, R. T. (2003). Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *rPpot*, 3(1), 135-160. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7071>
- Houghton, C., Aiken, M., & Cheevers, C. (2015). Cyber babies: the impact of emerging technology on the developing infant. *Psychology Research*, 5(9), 504-518. doi:10.17265/2159-5542/2015.09.002
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Iervolino S. A., & Pelicioni M. C. F. A. (2001) utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista Escola de Enfermagem USP*, 35(2), 115-21. doi: 10.1590/S0080-62342001000200004
- Lauricella, A. R., Wartella, E., & Rideout, V. J. (2015). Young children's screen time: tcomplex role of parent and child factors. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 11–17. doi: 10.1016/j.appdev.2014.12.001
- Livingstone, S., & Smith, P. K. (2014). Annual research review: harms experienced by child users of online and mobile technologies: the nature, prevalence and management of sexual and aggressive risks in the digital age. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(6), 635–654. doi:10.1111/jcpp.12197
- Lovato, S. B., & Waxman, S. R. (2016). Young children learning from touchscreens: taking a wider view. *Frontiers in Psychology*, 7(1078), 1-6. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01078.
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. S. (2017). Technoference: parent distraction with technology and associations with child behavior problems. *Child Development*, 00, 1-10. doi: 10.1111/cdev.12822.
- Mendes, R. (2015). Smartphones – objeto transicional e concetividade de um novo espaço potencial. *Estudos de Psicanálise*, 44, 133-144. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n44/n44a15.pdf>
- Morais Kallas, M. B. L. (2016). O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, 38(71), 55-63. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017). *Questionário de dados Sociodemográficos*. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017). *Ficha de Contato Inicial*. (Adaptado de Gidep/Nudif, 2013). Instrumento não publicado.

- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. EUA: Sage Publications.
- Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]: TIC Kids Online Brasil 2015. Comitê Gestor da Internet no Brasil. São Paulo: 2016. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ONLINE_2016_LivroEletronico.pdf
- Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased screen time: implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics*, 63, 827–839. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pcl.2016.06.006>
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self-regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics*, 133 (5), 1172-1178 doi: 10.1542/peds.2013-2367
- Radesky, J., Peacock-Chambers, E., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016). Use of mobile technology to calm upset children: Associations with social-emotional development. *JAMA Pediatrics*, 170 (4), 397-399. Disponível em: <http://jamanetwork.com/pdfaccess.ashx?url=/data/journals/peds/935110/>
- Ressel, L. B., Beck, C. L. C., Gualda, D. M. R., Hoffmann, I. C., Silva, R. M., & Sehnem, G. S. (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto de Enfermagem*, 17(4), 779-786. doi: 10.1590/S0104-07072008000400021.
- Robson, C. (2002). *Real world research: a resource for social scientists and practitioner-researchers* (2nd ed.). Malden: Blackwell.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Serralha, C. A. (2013). Contribuições da teoria do amadurecimento para o estudo das famílias homoparentais. *Winnicott e-prints*, 8, 35-49. Disponível em: <http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/22/9>
- Silva, S. G. (2016). Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. *Psicologia Clínica Rio de Janeiro* 28(2), 29-54. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n2/03.pdf>
- Straker, L., Zabatiero, J., Danby, S., Thorpe, K., & Edwards, S. (2018). Conflicting guidelines on Young children’s screen time and use of digital technology create policy and practice dilemmas. *The Journal of Pediatrics*, 202, 300-303. doi: 10.1016/j.jpeds.2018.07.019.
- Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796. doi: 10.1590/S0103-73312009000300013

- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp.79-87). Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In: D.W. Winnicott, *Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise* (pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1945).
- Winnicott, D. W. (1993). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D.W. Winnicott, *Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise* (pp. 389-408). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (1993). Preocupação materna primária. In: D.W. Winnicott, *Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise* (pp. 491-498). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (2006). O ambiente saudável na infância. In: D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp. 51-59). São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (2011). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 21-28). São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1960).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo geral compreender qualitativamente o uso que as mães de crianças de até dois anos fazem das novas tecnologias, como celulares e *tablets*, além da televisão. Dois estudos empíricos foram construídos como resultado da análise dos dados. Destacaram-se os discursos das mães sobre como o uso das tecnologias ocorre dentro do ambiente familiar e como o bebê está inserido nesse contexto. Em conjunto, os dois artigos trouxeram maior compreensão sobre a visão e os sentimentos das mães sobre o tema, bem como a importância de que a tecnologia esteja inserida de forma saudável no ambiente familiar, contribuindo, assim, para o desenvolvimento infantil.

O primeiro estudo teve como objetivo compreender o uso que as mães de crianças de até dois anos fazem dessas tecnologias. Para isso foram exploradas questões sobre os motivos, contextos, vantagens, desvantagens e sentimentos despertados em relação ao uso de tecnologias. A partir da discussão gerada entre as mães nos grupos focais, foi possível concluir que o uso de tecnologias feito pelos bebês ocorre, na maioria das vezes, como uma forma de auxílio às mães quando se encontram em momentos difíceis com a criança. Embora não condenem o uso, elas ressaltam medos em relação aos possíveis excessos que possam causar aos bebês, em busca de um uso com moderação. Por outro lado, algumas mães também destacaram vantagens como a facilidade de comunicação com familiares que moram em outros locais, bem como momentos de lazer e diversão da família.

Frente à constatação do uso por uma necessidade dos pais, atenta-se à importância de compreender e auxiliar as mães em seus momentos de dificuldades no cuidado com os filhos, para evitar que a tecnologia seja vista como recurso único. Ainda, sugere-se que os sentimentos e visões delas, e também dos pais, sejam considerados ao se pensarem nas orientações em relação ao uso de tecnologias por bebês, pois mesmo que o uso não seja recomendado pelas Sociedades de Pediatria, os pais e mães relatam usar esse artifício desde poucos meses de vida do bebê. Ademais, foi importante perceber que o uso feito pelas mães do estudo e pelos outros membros de suas famílias foi considerado por elas como excessivo. Nesse sentido, atenta-se para a importância de investigar os hábitos familiares relacionados à tecnologia, devido a sua influência na rotina das crianças pequenas.

Já o segundo estudo teve como objetivo identificar indicadores da função de *mãe suficientemente boa* na interação com o bebê, no contexto das tecnologias. Esse artigo foi proposto após os resultados do primeiro estudo apontarem para a tendência de o uso das tecnologias em famílias com bebês estar a serviço de necessidades das mães e não das crianças. Dessa forma, a partir do referencial teórico winnicottiano, buscou-se compreender a

importância do desenvolvimento emocional do bebê inserido no mundo tecnológico da atualidade. Os resultados apontaram para a importância de um ambiente sensível e atento às necessidades do bebê, para que a exposição às tecnologias contribua para a sua inserção em um *ambiente suficientemente bom* para o crescimento emocional.

Nesse sentido, atenta-se à importância de não condenar o uso das tecnologias, mas sim compreender as motivações que levam este recurso a ser tão essencial e utilizado no mundo contemporâneo. Dessa forma, elas podem estar a serviço de promover a saúde ou causar prejuízos para o desenvolvimento, tanto de bebês quanto de adultos, não sendo a causa de conflitos, mas sim uma das possíveis formas de expressão destes. Sendo assim, pode-se pensar que compreender qual o papel desse uso dentro de cada família pode dar subsídios para fornecer auxílio aos pais quando necessário, bem como abrir espaço para uma reflexão com foco em promover estratégias que não sejam apenas no sentido de exclusão das tecnologias do ambiente familiar, mas que também não interfiram de forma negativa na interação das famílias e no desenvolvimento emocional do bebê.

Sugere-se que as orientações em relação ao tema devem se voltar para a realidade das famílias que fazem uso de tecnologias, bem como incentivar novas formas de utilização dos recursos tecnológicos saudáveis dentro delas, ao invés de apenas desencorajá-lo. Nesse sentido, estudos empíricos sobre a temática são extremamente necessários para ajudar as famílias e profissionais da saúde e educação sobre como fazer o melhor uso das tecnologias existentes.

Os achados deste estudo também destacam a importância do olhar para as particularidades de famílias com bebês. Conforme aponta a literatura, os riscos e benefícios da exposição e uso de tecnologias por crianças e adolescentes diferem de acordo com a faixa etária (Lovato & Waxman, 2016). Além disso, a literatura se volta primordialmente para a faixa etária pré-escolar, embora os bebês também estejam igualmente inseridos no ambiente tecnológico (Kirkorian et al., 2016). Assim, o conhecimento empírico do que isso signifique para o bebê ainda é incipiente (Lauricella et al., 2015). Existem peculiaridades em ser um bebê que devem ser consideradas ao se pensar nessa faixa etária, pois seu desenvolvimento emocional e amadurecimento estão em seus primórdios, conforme aponta Winnicott (1945/1993).

O presente estudo corrobora o frequente uso da televisão em famílias com bebês (Bentley et al., 2016). Diferentemente de crianças maiores, elas parecem ser mais expostas à televisão do que a dispositivos móveis (Common Sense Media, 2017). Esse dado mostra-se relevante, na medida em que a literatura aponta diferenças entre os dispositivos móveis e

touchscreen e a televisão, sugerindo que os primeiros proporcionam maior potencial interativo para as crianças (Brown & Smolenaers, 2016). As análises deste estudo sugerem que os bebês podem ser mais expostos à televisão do que a outras formas de tecnologias, o que reforça a importância de novas pesquisas que compreendam as particularidades de cada tipo de tecnologia separadamente. Inicialmente no projeto se considerou a possibilidade de abordar apenas o uso das tecnologias *touchscreen*, por seu caráter móvel e interativo. Porém, a partir dos resultados obtidos, foi constatada a importância que a televisão ainda exerce nas famílias, principalmente com bebês. Pode-se pensar que sua modernização (tornando-a mais interativa) e a possibilidade de o uso ser compartilhado pelos familiares podem ter sido questões associadas ao seu uso constante.

Entende-se que este estudo possui algumas limitações. Embora a pesquisa tenha sido amplamente divulgada, houve baixa procura de participantes para os grupos focais. Devido à relevância e atualidade do tema, a expectativa inicial do estudo era de maior procura de mães interessadas. Frente a isso, não foi possível realizar o número previsto de grupos, bem como ter maior amostra de mães de bebês de diferentes idades e de diferentes níveis socioeconômicos. Também se considera que um maior número de participantes nos grupos focais poderia ter contribuído para trazer mais dados para discussão, uma vez que a literatura sugere que o número de participantes seja de seis a 12 (Breakwell, Hammond, Schaw, & Smith, 2010). Acredita-se que, embora o tema seja de extremo interesse para as mães, talvez exista certa dificuldade e receio delas frente ao tema devido a possíveis julgamentos e orientações (Brown & Smolenaers, 2016) que desencorajam o uso das tecnologias antes dos dois anos de idade. Também se atenta à importância de novos estudos investigarem mães pertencentes a níveis socioeconômicos menos favoráveis do que as mães do presente estudo, bem como mães com pouca rede de apoio para cuidar dos filhos.

Por fim, destaca-se a importância de compreender como ocorre a exposição e o uso de tecnologias em famílias com bebês. Diferentemente de crianças maiores, os bebês exigem diferentes demandas e reorganizações familiares em função da extrema dependência dos pais, e isso deve ser considerado ao se pensarem em orientações sobre o tema. Os estudos que compõem essa dissertação confirmam a importância de conhecer as necessidades e dificuldades dos pais nos cuidados com os bebês na compreensão das peculiaridades do ambiente tecnológico da atualidade.

REFERÊNCIAS

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2011). Media use by children younger than 2 years. *Pediatrics*, *128*(5), 1040-1045. doi: 10.1542/peds.2011-1753
- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, *138*(5), 1-8. doi: 10.1542/peds.2016-2591
- Anderson, D. R., & Hanson, K. (2013). What researchers have learned about toddlers and television. *Zero to three*, *33*(4) 4-10. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/287195548_What_Researchers_have_learned_about_toddlers_and_television
- Bentley, G. F, Turner, K. M., & Jago, R. (2016). Mother's view of their preschool child's screen-viewing behavior: a qualitative study. *Bio Med Central Public Health*, *16*(718) 1-12. doi: 10.1186/s12889-016-3440-z
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. (Trad. Felipe Rangel Elizalde). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brito, R., Franscisco, R., Dias, P., & Chaudron, S. (2017). Family dynamics in digital homes: the role played by parental mediation in young children's digital practices around 14 european countries. *Contemporary Family Therapy*, *39*, 271-280. doi: 10.1007/s10591-017-9431-0
- Brown, A., & Smolenaers, E. (2016). Parent's interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. *Journal of Family Issues*, *39*(2). 1-24. doi: 10.1177/0192513X16646595
- Canadian Paediatric Society, Digital Health Task Force. (2017). Screen time and young children: promoting health and development in a digital world. *Paediatrics & Child Health*, *22*(8), 461-468. doi: 10.1093/pch/pxx123
- Carson, V., Rosu, A., & Janssen, I. (2014). A cross-sectional study of the environment, physical activity, and screen time among young children and their parents. *Bio Med Central Public Health*, *14*(61), 1-9. doi: 10.1186/1471-2458-14-61
- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D. A., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Children and adolescents and digital media. *American Academy of Pediatrics*, *138*(5), 1-18. doi: 10.1542/peds.2016-2593
- Cheung, C. H. M., Bedford, R., Saez de Urabain, I. R., Karmiloff-Smith, A., & Smith, T. J. (2017). Daily touchscreen use in infants and toddlers is associated with reduced sleep and delayed sleep onset. *Scientific Reports*, *7*(46104), 1-7. doi: 10.1038/srep46104

- Chonchaiya, W., & Pruksananonda, C. (2008). Television viewing associates with delayed language development. *Acta Paediatrica*, *97*, 977-982. doi: 10.1111/j.1651-2227.2008.00831.x
- Christakis, D. A., Zimmerman, F. J., DiGiuseppe, D. L., & McCarty, C. A. (2004). Early television exposure and subsequent attentional problems in children. *Pediatrics*, *113*(4), 708-715. doi: 10.1542/peds.113.4.708
- Common Sense Media. (2013). *Zero to Eight: Children's media use in America 2013*. Retrieved from: <https://www.commonsensemedia.org/research/zero-to-eight-childrens-media-use-in-america-2013>.
- Common Sense Media. (2017). *The Common Sense Census: Media use by kids age zero to eight*. Retrieved from: <https://www.commonsensemedia.org/research/the-common-sense-census-media-use-by-kids-age-zero-to-eight-2017>
- Davies, J. J., & Gentile, D. A. (2012). Responses to children's media use in families with and without siblings: a family development perspective. *Family Relations*, *61*, 410-425. doi: 10.1111/j.1741-3729.2012.00703.x
- Domingues-Montanari, S. (2017). Clinical and psychological effects of excessive screen time on children. *Journal of Paediatrics and Child Health*, *53*, 333-338. doi: 10.1111/jpc.13462
- Eisenstein, E., & Estefenon, S. B. (2011). Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, *10*(2), 42-52. Disponível em: http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105
- Haughton, C., Aiken, M., & Cheevers, C. (2015). Cyber babies: the impact of emerging technology on the developing infant. *Psychology Research*, *5*(9), 504-518. doi: 10.17265/2159-5542/2015.09.002
- Frizzo, G. B., Bandeira, D. R., Levandowski, D. C., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E. J., Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Pieta, M. A. M., & Silva, M. A. (2017). Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil. Projeto de Pesquisa não publicado.
- Garrison, M. M., Liekweg, K., & Christakis, D. A. (2011). Media use and child sleep: the impact of content, timing, and environment. *Pediatrics*, *128*(1) 29-36. doi: 10.1542/peds.2010-3304
- Hesketh, K. D., Hinkley, T., & Campbell, K. J. (2012). Children's physical activity and screen time: qualitative comparison of views of parents of infants and preschool children. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, *9*(152), 1-14. doi: 10.1186/1479-5868-9-152

- Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K. P., & Bonner, R. L. (2015). Exposure and use of mobile media devices by young children. *Pediatrics*, *136*(6), 1044-1050. doi: 10.1542/peds.2015-2151
- Kildare, C. A., & Middlemiss, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: a literature review. *Computers in Human Behavior*, *75*, 579-593. doi: 10.1016/j.chb.2017.06.003
- Kirkorian, H. L., Choi, K., & Pempek, T. A. (2016). Toddler's word learning from contingent and noncontingent video on touchscreens. *Child Development*, *87*(2), 405-413. doi: 10.1111/cdev.12508
- Lavigne, H. J., Hanson, K. G., & Anderson, D. R. (2014). The influence of television coviewing on parent language directed at toddlers. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *36*, 1-10. doi: 10.1016/j.appdev.2014.11.004
- Lauricella, A. R., Wartella, E., & Rideout, V. J. (2015). Young children's screen time: the complex role of parent and child factors. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *36*, 11-17. doi: 10.1016/j.appdev.2014.12.001
- Livingstone, S., & Smith, P. K. (2014). Annual research review: harms experienced by child users of online and mobile technologies: the nature, prevalence and management of sexual and aggressive risks in the digital age. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *55*(6), 635-654. doi:10.1111/jcpp.12197
- Lovato, S. B., & Waxman, S. R. (2016). Young children learning from touchscreens: taking a wider view. *Frontiers in Psychology*, *7*(1078), 1-6. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01078
- Magee, C. A., Lee, J. K., & Stewart, A. V. (2014). Bidirectional relationships between sleep duration and screen time in early childhood. *JAMA Pediatrics*, *168*(5), 465-470. doi:10.1001/jamapediatrics.2013.4183
- Matsumoto, M., Aliagas, C., Morgade, M., Corroero, C., Galera, N., Roncero, C., & Poveda, D. (2016). Young children (0-8) and digital technology: a qualitative exploratory study. *National Report of Spain, Joint Research Centre European Commission*, 1-85. Retrieved from: http://www.academia.edu/35046586/Young_children_0-_and_digital_technology_-_What_changes_in_one_year_Spain_National_Report.
- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). Technology interference in the parenting of young children: implications for mother's perceptions of coparenting. *The Social Science Journal*, *53*, 435-4430. doi: 10.1016/j.soscij.2016.04.010
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. S. (2017). Technoferece: parent distraction with technology and associations with child behavior problems. *Child Development*, *00*, 1-10. doi: 10.1111/cdev.12822.

- Neumann, M. M. (2015). Young children and screen time: creating a mindful approach to digital technology. *Australian Educational Computing*, 30(2), 1-15. Disponível em: <https://experts.griffith.edu.au/publication/n5162600d026988252ac710706778a7bc>
- Nikken, P., & Schols, M. (2015). How and why parents guide the media use of young children? *Journal Child and Family Studies*, 24, 3423-3435. doi 10.1007/s10826-015-0144-4.
- Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]: TIC Kids Online Brasil 2015. Comitê Gestor da Internet no Brasil. São Paulo: 2016. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ONLINE_2016_LivroEletronico.pdf
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self-regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics*, 133 (5), 1172-1178 doi: 10.1542/peds.2013-2367
- Radesky, J. S., Schumacher, J., & Zuckerman, B. (2015). Mobile and interactive media use by young children: the good, the bad and the unknown. *Pediatrics*, 135(1), 1-3. doi: 10.1542/peds.2014-2251
- Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased screen time: implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics*, 63, 827-839. doi: 10.1016/j.pcl.2016.06.006
- Schacter, J., & Jo, B. (2017). Improving preschoolers' mathematics achievement with tablets: a randomized controlled trial. *Mathematics Education Research Journal*, 29, 313-327 doi: 10.1007/s13394-017-0203-9
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2016). Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital. *Manual de Orientação, Departamento de Adolescência*. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/src/uploads/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-dolesc.pdf>
- Vandewater, E., Rideout, V. J., Wartella, E. A., Huang, X., Lee, J. H., & Shim, M. (2007). Digital childhood: electronic media and technology use among infants, toddlers, and preschoolers. *Pediatrics*, 119(5), 1006-1015. doi:10.1542/peds.2006-1804
- Vijakkhana, N., Wilaisakditipakorn, T., Ruedeekhajorn, K., Pruksananonda, C., & Chonchaiya, W. (2015). Evening media exposure reduces night-time sleep. *Acta Paediatrica* 104, 306-312. doi:10.1111/apa.12904
- Wanjiku, F. M., Njoroge, M. D., Elenbaas, L. M., Garrison, M. M., Myaing, M., & Christakis, D. A. (2013). Parental cultural attitudes and beliefs regarding young children and television. *JAMA Pediatrics*, 167(8), 739-745. doi:10.1001/jamapediatrics.2013.75

- Willis, T. A., Roberts, K. P. J., Berry, T. M., Bryant, M., & Rudolf, M. C. J. (2016). The impact of HENRY on parenting and family lifestyle: a national service evaluation of a preschool obesity prevention programme. *Public Health*, 136, 101-108. doi: 10.1016/j.puhe.2016.04.006
- Winnicott, D. W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In: D.W. Winnicott, *Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise* (pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1945).
- Winnicott, D. W. (1993). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D.W. Winnicott, *Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise* (pp. 389-408). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1951).
- Zimmerman, F. J., & Christakis, D. A. (2007). Associations between content types of early media exposure and subsequent attentional problems. *Pediatrics*, 120(5), 986-992. doi:10.1542/peds.2006-3322

ANEXO A

FICHA DE CONTATO INICIAL (NUFABE, 2017)

(Adaptado de GIDEP/NUDIF, 2003)

Rapport: Oi, eu sou a _____, e estou te ligando pois recebemos email/SMS/ligação sua a respeito do seu interesse em participar do grupo de mães sobre o uso de tecnologias. Preciso te fazer algumas perguntas, pois há alguns critérios para sua participação.

Data do contato: ____ / ____ / 20__

Preenchido por: _____

Nome da mãe: _____

Idade da mãe: _____ anos (mães adolescentes não serão incluídas)

Nome do bebê: _____

Sexo do bebê: () menina () menino Idade do bebê: ____ meses

Data de nascimento do bebê: ____ / ____ / ____

Ele nasceu dentro do tempo esperado? () sim () não. Quantas semanas: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Telefone residencial: () _____ Telefone celular: () _____

Telefone de contato: () _____ Telefone recados: () _____

E-mail: _____

Disponibilidade de horários para pesquisa (dia da semana/fim de semana e horário/turno melhor – pegar 2 ou 3 alternativas preferencialmente):

Como soube da pesquisa? _____

Nesse momento estamos priorizando casos em que o bebê não tenha maiores problemas de saúde, então gostaria de te perguntar se teu bebê tem:

() síndrome de down () alguma outra síndrome () alguma malformação

() problemas cardíacos () problema neurológico

() atraso no desenvolvimento diagnosticado pelo médico ou outro profissional

(Caso bebê tenha algum dos problemas acima, explicar para mãe que nesse momento esses casos não serão incluídos na pesquisa)

Caso puder participar, agradecer o interesse e a disponibilidade e dizer que vai combinar com a equipe o melhor horário para o encontro e retornar a ligação nos próximos dias.

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar de um grupo que tem o objetivo de investigar o uso de tecnologias com famílias com bebês de até 2 anos. Ele faz parte de um estudo maior, que tem como finalidade conhecer os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil. Caso você aceite participar da pesquisa, você fará parte de uma atividade em grupo que será realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste grupo, serão discutidas questões relativas ao uso da tecnologia em famílias com crianças de até 2 anos. Esse encontro em grupo será moderado por uma psicóloga e contará com um auxiliar de pesquisa, psicólogo ou estudante de psicologia. Você também responderá algumas perguntas a respeito de seus dados de identificação pessoal, demográficos e dados sobre sua família e o uso das tecnologias. A participação na pesquisa terá duração total de cerca de 150 minutos.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. O encontro do grupo será gravado em áudio e vídeo para fins de análise dos dados. As gravações serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos e, após este período, serão deletadas. Os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa, que poderá encaminhá-la para atendimento psicológico.

Os valores gastos em passagens de transportes públicos para deslocamento até o local das entrevistas poderão ser ressarcidos, ou seja, você não terá nenhum custo em participar da pesquisa. Neste momento, você pode não ter benefícios diretos desta pesquisa, além dos benefícios da troca de experiência, mas, através de sua participação, pais e mães e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados. Não há remuneração prevista por sua participação. Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo. A sua colaboração é muito importante. A pesquisadora responsável por esse projeto de pesquisa é a Prof^a Dra. Giana Frizzo.

Desde já, agradecemos sua participação. Qualquer dúvida, você pode entrar em contato através do telefone 3308 5111. Esse documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, fone (51) 3308-5698, e-mail: cep-psico@ufrgs.br. Você receberá cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Nome da Participante: _____

Assinatura da Participante: _____

Professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo

Pesquisadora Responsável

ANEXO C

Questionário de dados sóciodemográficos (NUFABE, 2017)

1. Dados Gerais

() Mãe () Pai

Nome: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Idade: ___ anos Local de nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade/UF: _____

Fone: _____ Celular: _____

Email: _____

Status de relacionamento: () solteiro(a) () namorando () casado(a) () morando junto () separado(a)/divorciado(a) () viúvo(a)

Se casado ou morando junto, tempo de união: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ___ série () Ensino Médio - ___ série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual sua ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana? _____

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- | | |
|---|---|
| () Nenhuma renda | () De 6 a 9 salários mínimos (R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00) |
| () Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00) | () De 9 a 12 salários mínimos (R\$ 8.433,00 até R\$ 11.244,00) |
| () De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00) | () De 12 a 15 salários mínimos (R\$ 11.244,00 até R\$ 14.055,00) |
| () De 3 a 6 salários mínimos (R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00) | () Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.055,00) |

Quantas pessoas dependem dessa renda? _____

Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

2. Dados do companheiro(a) atual

Nome: _____

—

Data de nascimento: ___/___/___ Idade: ___ anos Local de nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____

Celular: _____ Email: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série () Superior
() Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

Seu companheiro (a) tem outros filhos? () sim () não Quantos? _____ Idades: _____

4.Dados sobre seu filho(a)

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de Nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Possui irmãos: () sim () não Quantos: _____ Idade outros filhos _____

Seu filho frequenta creche/escola: () não () sim, particular () sim, pública Quantas horas por semana: _____

Seu filho nasceu a termo? () sim () não . Nasceu com ____ semanas

Seu filho tem algum problema de saúde () não () sim. Qual _____

ANEXO D

Roteiro dos grupos focais

Temas

- 1) O uso das tecnologias nas famílias.
- 2) Possíveis dificuldades e dúvidas enfrentadas pelas famílias.

Objetivos

- 1) Esclarecer os participantes dos objetivos e procedimentos da pesquisa.
- 2) Estabelecer o *rapport* inicial.
- 3) Explorar a troca de informações sobre as opiniões e atitudes parentais a respeito do tema uso da tecnologia.

Questões norteadoras

- 1) O que as mães pensam sobre a tecnologia?
- 2) Qual o uso que as famílias de crianças pequenas têm feito da tecnologia?
- 3) O que as crianças assistem? E em qual contexto?
- 4) Quem oferece a tecnologia à criança? E em qual contexto?
- 5) Qual o tempo de uso que as crianças fazem das tecnologias?
- 6) Qual uso os adultos fazem?
- 7) Quais as vantagens e desvantagens em usar tecnologias com crianças pequenas?
- 8) Você já notou mudanças no comportamento de seu filho(a) quando você está fazendo uso de algum tipo de tecnologia? Se sim, o que acontece?
- 9) O que você pensa das matérias de jornais, revistas ou blogs que criticam os pais por ficarem muito distraídos enquanto usam seus celulares?

Planejamento do grupo focal

- 1) *Rapport* inicial

Duração prevista: 10 minutos

- Apresentação da mediadora, observadora e demais membros da equipe;
- Esclarecimento sobre os procedimentos da pesquisa;
- Sensibilização das participantes sobre a importância de discussão da temática frente às mudanças que as tecnologias estão causando nas famílias e a possível influência no desenvolvimento dos bebês;

- Esclarecimentos sobre sigilo dos dados e a necessidade do uso de gravador e vídeo para análise dos dados.

- Esclarecimentos sobre a importância do respeito às opiniões e sentimentos diversos entre as participantes do grupo e a necessidade de ouvir cada uma por vez.

2) Apresentação dos participantes

Duração prevista: 20 minutos

As participantes serão convidadas a se apresentar, indicando a idade do filho ou filha e o que a motivou a participar da pesquisa.

3) Debate

Duração prevista: 1h20m

O debate será iniciado a partir da apresentação de uma situação hipotética, que servirá como “quebra-gelo”, na qual será descrita uma cena cotidiana de uma mãe fazendo uso de algum tipo de tecnologia como recurso para acalmar o filho ou filha.

“Vou te contar uma situação e gostaria que você pensasse a respeito de sua opinião sobre isso. Uma vizinha estava em casa com seu filho e precisava terminar uma tarefa do trabalho. Então ela colocou o desenho da Galinha Pintadinha para que ele assistisse, enquanto ela fazia sua tarefa”.

A partir disso será questionado o que as mães pensam da atitude da suposta vizinha, assim como quais possíveis alternativas elas poderiam dar, caso não concordem com o uso da Galinha Pintadinha. Posteriormente serão feitas as perguntas norteadoras e depois conduzido o grupo pela mediadora a partir das respostas das participantes, suscitando a discussão das demais questões.

4) Encerramento da sessão

Duração prevista: 10 minutos

O mediador finaliza o encontro agradecendo a presença de todos. Serão esclarecidas as dúvidas dos participantes.

Tempo previsto de duração: 2h

ANEXO E

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil

Pesquisador: Giana Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69947117.6.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.316.472

Apresentação do Projeto:

Visto que ainda são escassos os estudos desenvolvidos pela Psicologia, que incluam a compreensão desse impacto no desenvolvimento infantil e nas interações pais-bebês, novos estudos são urgentemente necessários para o entendimento desse fenômeno, especialmente no contexto brasileiro. Dessa forma, poder-se-á obter recomendações mais claras para orientar as famílias sobre o uso das tecnologias por bebês até 3 anos de idade. Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês. Será utilizado um delineamento misto, qualitativo e quantitativo para compreender o impacto do uso das tecnologias para o desenvolvimento infantil. Diversos autores, no contexto nacional e internacional (Creswell, 2010; Flick, 2009; Günther, 2006), têm defendido o uso de delineamentos mistos, afirmando que, conforme os objetivos da pesquisa, tais metodologias devem ser integradas, para que se consiga dar conta da complexidade da realidade social e da conduta humana. Assim, o uso de um delineamento misto contribui para reforçar a validade, a confiabilidade, a adequação e a complexidade dos achados do estudo (Flick, 2009). O presente projeto é constituído por três estudos, que serão descritos detalhadamente a seguir. Estudo 1- Grupo focal sobre o uso de

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 2.316.472

tecnologias nas famílias com bebês; Estudo 2- Estudo on-line quantitativo sobre como famílias fazem uso da tecnologia e telas. Estudo 3- Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de bebês de até 3 anos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês.

Objetivo Secundário:

- Compreender qualitativamente o uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através da metodologia de grupo focal; - Fazer um levantamento quantitativo do uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através de um survey on-line; - Compreender o desfecho do uso das tecnologias, a qualidade da interação mãe-bebê, a saúde mental materna para o desenvolvimento infantil de bebês até 3 anos de idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo autoras "os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-los para atendimento psicológico."

Benefícios:

Conforme autoras, "não há benefícios diretos ao participar desta pesquisa, mas através de sua participação, pais e mães e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados, através de mais conhecimento sobre a temática que o estudo irá proporcionar."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada do ponto de vista teórico e metodológico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos foram reformulados e estão agora adequadamente redigidos.

Recomendações:

Não há mais recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 2.336.472

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|-------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_942365.pdf | 17/09/2017 23:00:37 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoFAPERGSatualizado para CEP parecer2.doc | 17/09/2017 23:00:06 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLERatualizado parecer2.doc | 17/09/2017 22:59:39 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Declaração do Patrocinador | autorizacaocomomsense media.docx | 15/08/2017 22:41:39 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoFAPERGSatualizado para CEP.doc | 15/08/2017 22:38:56 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLERatualizado.docx | 15/08/2017 22:36:32 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Outros | compesq.pdf | 19/06/2017 14:54:55 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
| Folha de Rosto | rosto.pdf | 19/06/2017 14:52:51 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 05 de Outubro de 2017

Assinado por:
Clarissa Marceli Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br